

Padre José Manuel
Semedo Azevedo



PROCISÕES
DA SEMANA SANTA
E DE DOMINGO DE
PÁSCOA

PROCISSÕES DA SEMANA SANTA

E DE

DOMINGO DE PÁSCOA

PROCISSÕES DA SEMANA SANTA

E DE

DOMINGO DE PÁSCOA

NÃO CONTIDAS NO MISSAL ROMANO

GUIA LITÚRGICO

SEGUNDO COSTUMES CENTENÁRIOS DE PORTUGAL

DO MESMO AUTOR:

Manual do Devoto de Nossa Senhora da Orada.

Lamentos para a Procissão do Enterro do Senhor (letra e música),
Esgotado.

Nossa Senhora da Orada. Seu culto na História de Portugal.

Azulejo da Ressurreição.

Procissões da Semana Santa e de Domingo de Páscoa.

EM PREPARAÇÃO:

Roteiro do *Museu Arqueológico-Histórico de Albufeira*.

Algarve Terra de Santa Maria.

Monografia de Albufeira.



PELO

PADRE JOSÉ MANUEL SEMEDO AZEVEDO

Sacerdote secular da Diocese do Algarve, Pároco da Freguesia de Albufeira.

Sócio correspondente da *Academia Portuguesa de Ex-Libris*

Sócio efectivo da *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*
na Faculdade de Ciências do Porto

Sócio correspondente do *Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*

Organizador do *Museu Arqueológico-Histórico de Albufeira*

Nada contém contra a fé e a moral e encerra interessantes notas históricas

Nihil obstat

Faro, 23 de Janeiro de 1960

Cónego José Cabrita

PODE IMPRIMIR-SE

Faro, 28 de Janeiro de 1960

† *D. Frei Francisco Rendeiro O. P., Bispo do Algarve*

INTRODUÇÃO

APÓS a Reforma da «Ordem» da Semana Santa pelo Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos «*Maxima redemptionis nostrae mysteria*» de 16 de Novembro de 1955, vários livros têm aparecido, em língua portuguesa, explicando as diferentes cerimónias da Semana Santa e Vigília Pascal.

Julgamos que o assunto já se encontra devidamente tratado e feita a preparação dos fiéis para poderem acompanhar, conforme o desejo da Santa Igreja, as cerimónias desses dias.

Notámos, porém, que na *Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos Sobre o Modo de Pôr em Prática a Nova «Ordem» da Semana Santa*, emanada com a mesma data do referido Decreto, se dizia no n.º 23:

«Como à celebração da Semana Santa andam ligados muitos usos populares, diversos segundo a diversidade dos lugares e dos povos, esforcem-se os Ordinários dos lugares e os sacerdotes a quem está confiada a cura de almas, por harmonizar prudentemente com a nova «ordem» da Semana Santa aqueles usos susceptíveis de favorecer a sólida piedade. Expliquem aos fiéis o sumo valor da sagrada liturgia, a qual sempre, mas particularmente nestes dias, por sua própria natureza, deixa muito aquém o género de práticas ou devoções, por mais excelentes que sejam.»

Isto veio-nos avivar o que nos estava na mente. Há muito tempo que pensávamos publicar um trabalho sobre *Procissões Extra-Litúrgicas da Semana Santa*.

Para que ele fosse o mais completo possível desejávamos percorrer o País colhendo informações, em diversas freguesias, como fizemos quando publicámos o livro *Nossa Senhora da Orada*. Agora, que a Santa Sé modificou a «Ordem» da Semana Santa, e não nos sendo possível realizar a nossa peregrinação, julgámos bastante contentar-nos com a consulta dos vários livros que existem sobre o assunto, que vão mencionados no fim, ouvir o parecer das diversas entidades cuja relação também mencionamos e com a nossa visita Braga.

Para alguns parecerá, talvez, inoportuno este trabalho sobre um assunto que, julgando-se à margem da Liturgia, tem toda a tendência para desaparecer.

Confundem-se, muitas vezes, *Costumes Antigos* com abusos. No entanto, costume não é abuso. Se o há, procuremos irradiá-lo, corrija-lo.

Parece-nos que não ganhamos nada com a simples abolição. E nem esse é o pensamento da Igreja.

Em Sexta-feira Santa, em quase todas as freguesias de Portugal, é costume quadricentenário fazer-se a *Procissão do Enterro do Senhor*. É uma procissão extra-litúrgica. O povo compenetrrou-se do sentido desta procissão. Haverá num ou noutro caso coisas a corrigir? Por certo as haverá. Numa freguesia os homens iam cantando os **Heus** e como não oompreendiam e nem sabiam pronunciar o latim tornou-se coisa caricata. Noutra a Verónica ao mostrar o Pano do Santo Sudário cantava o Responsório **O vos omnes**. O povo que não compreendia o latim começou a chamar a essa procissão «*Vozonés*».

Não está bem. Mas o que temos nós feito para fazer compreender ao nosso povo o que é o «*Vozonés*» e os **Heus**?

Passamos, talvez, adiante, sem nada dizer porque se trata de procissões extra-litúrgicas. Outras vezes dizemos que se trata de costumes antigos, que é necessário mudar por coisas novas. Como se a nossa Liturgia, as nossas cerimónias fossem contemporâneas do progresso actual e deveríamos mudá-las por estarmos na época do «*Sintético*»...

Não sintetizemos as nossas Procissões da Semana Santa, mesmo as Extra-Litúrgicas!

A Santa Sé ao mudar o horário e alguns ritos da Semana Santa não procurou fazer coisas novas mas antes voltar ainda mais ao sentido dos Ritos Antigos.

O nosso povo pede-nos que não acabemos com os seus costumes mas que os expliquemos e os façamos cumprir dentro do sentido com que eles foram instituídos (1).

Numa freguesia as vozes dos cantores da Procissão do Enterro foram substituídas por bandas de música. Um zeloso pároco, querendo dar um sentido mais cristão a esse cortejo, recomendou às raparigas da Acção Católica que cantassem o terço. O povo achou mal. Não quis e tinha razão. O terço que eles com devoção cantavam nas procissões de Nossa Senhora

(1) Lucas de Andrade, no seu «*Manual das Cerimónias do Officio Solemne da Semana Santa*», falando da Procissão do Enterro, diz que por mais que procurasse não encontrou em qualquer Livro Litúrgico Romano referência alguma a esta Procissão e depois acrescenta na pág. 112, n.º 86: «*Porem, como está introduzido este acto de tanta piedade, e devoção neste Reyno de Portugal, & em as mais Igrejas delle se celebra, cõ tanto asseo, & concerto me pareceo q̃ do que tenho visto em algũas dellas, principalmente na Sé desta Corte Mestra de todo o acerto do culto divino, na Capella real de sua Magestade, cuja doutrina, e observação nas Cerimonias, pode servir de exêplar as cathedraes do mundo, nas freguesias de São Julião, & São Nicolau, & nos conventos,*

de Fátima, a Senhora Branca, a Senhora das Pombinhas, não lhes agradava, como diziam, nessa Procissão do Enterro em que ia o Senhor Morto, e Sua Santíssima Mãe a chorar.

Celebremos as Procissões da Semana Santa respeitando os seus Ritos próprios. Demos a essas Procissões o sentido com que elas foram instituídas e realizadas durante tantas centenas de anos. É a isto que nós chamamos os **Costumes Antigos**.

Julgamos conveniente aduzir sobre este assunto o testemunho de um grande liturgista que trata de *Costumes na Liturgia*.

Eis o que nos diz D. António Coelho no seu «Curso de Liturgia Romana», obra em 5 volumes de inegável valor.

« § 111 Costumes

O Espírito que anima a Igreja é um «Espírito vivificante». A sua actividade — simples e múltipla — revela-se nessa uniformidade de ritos que prende as igrejas que obedecem às mesmas rubricas e decretos, e nessa variedade de costumes particulares, características das igrejas e épocas em que nascem e florescem.

onde procurão acertar em tudo. Devia fazer hũa regra geral pera que assi como he hũa a fé, à devoção, a piedade, & affecto, sejam tambem as Ceremmonias, & como diz o Papa Clemente Oitavo, na bulla que anda no principio do Missal; «É CONVENIENTE QUE, VISTO QUE SOMOS TODOS UM NUM SÓ CORPO: QUE É A IGREJA, E DO CORPO DE CRISTO PARTICIPAMOS, HAVENDO UMA E A MESMA RAZÃO DE CELEBRAR, USEMOS TODOS OMESMO OFICIO E RITO NESTE INEFAVEL E TREMENDO SACRIFICIO». & assi se celebrê os divinos officios todos de hũa mesma maneira, tirando os abuzos, onde os ouver, & seja igual o modo de celebrar a memoria do sentimento, q̃ as criaturas todas tiverão na morte do Redemptor».

Ora os costumes não somente esmaltam de seus matizes a Liturgia sagrada, mas criam, ao lado das rubricas e decretos, uma obrigação, quando revestidos de certas qualidades. Estas qualidades são três (2):

1) *O Costume deve ser razoável, isto é: 1.º — conforme com a recta razão, informada pelo direito divino, natural ou positivo, e animada pelo espírito da Igreja; 2.º — baseado em sólidas razões, doutrinais, históricas e simbólicas, emanadas dos princípios fundamentais da Liturgia; 3.º — não reprovado expressamente pelo legislador, como irrazoável, abuso ou corruptela.*

2) *Legitimamente prescrito. Para que haja prescrição, é necessário: 1.º — que o costume seja introduzido e observado, por actos públicos, livres, frequentes e uniformes, ao menos pela maior parte da comunidade, com a intenção de se ligar com essa nova obrigação ou de se subtrair à obrigação contrária; 2.º — que tenha perseverado durante um prazo estabelecido pela lei e que será, segundo os casos, quarenta anos contínuos e completos, ou cem anos, ou um tempo imemorial.*

3) *Consentido pelo superior eclesiástico competente. Este consentimento — única causa eficiente do valor jurídico do costume — pode ser expresso, tácito ou legal. As duas primeiras espécies de consentimento supõem que o legislador conhece existência do costume; a terceira resulta apenas desta disposição jurídica geral pela qual o supremo legislador quer que todo o costume, razoável e legítimo, funde um novo direito ou abroge a lei contrária.*

Por conseguinte, obriga todo o costume, razoável e legítimo: 1.º — conforme à lei, da qual ele é o melhor intérprete; 2.º — afora da lei. Neste caso o costume

(2) Cod. Jur. Can. Lib. 1, tit. 11 CN. 25-30.

supre a lei não existente; 3.º — contrário à lei eclesiástica. Se esta contém uma cláusula proibindo os costumes futuros, o costume, para prescrever, deve ser centenário ou imemorial. No caso contrário, basta ser quadragenário.

Aplicação em Liturgia

Estes princípios gerais de Direito Canónico devem ser aplicados em Liturgia. Portanto, podem e devem ser mantidos os costumes locais, razoáveis e legitimamente prescritos que:

1.º — *comentam, duma maneira precisa e concreta, uma rubrica ou decreto obscuro — (costumes secundum legem);*

2.º — *suprem uma rubrica ou decreto não existente ou completam outro que não prevê ou não atinge tal caso particular (costumes praeter legem);*

3.º — *introduzem insensivelmente essas modificações e supressões que o contacto da realidade tantas vezes impõe ao direito escrito (costumes contra legem);*

E ainda quando a rubrica ou decreto proíbem em geral os costumes futuros contrários, estes prevalecem desde que sejam centenários ou imemoriais.»

É por certo dentro destes princípios que em Portugal se fazem durante a Semana Santa e primeiro dia da Semana Pascal, três procissões sobre as quais nada conhecemos publicado nestes últimos anos:

**Procissão de Quinta-feira Santa à noite;
Procissão do Enterro do Senhor;
Procissão do Domingo da Ressurreição.**

Antigamente seguiam-se os Ritos da Semana Santa por uns **Ripanches** ou Rituais antigos como: «*Manual Seráfico*», «*Director Ecclesiástico*», «*Directório Sacro*»,

etc., de onde constava a forma como estas Procissões deviam ser feitas. Hoje por se tratar, talvez, de Procissões Extra-Litúrgicas nenhum dos livros usados falam delas. Como consequência, estas Procissões, algumas vezes centenárias, por falta de ritual próprio, vão perdendo o significado com que foram instituídas e os fiéis assistem a elas sem a devida compreensão e sem o espírito de fé e compostura que dias tão santos requerem (3).

Desta forma, por julgar conveniente e até mesmo em conformidade com o desejo da Santa Sé que nos diz: «**Esforcem-se os Ordinários dos lugares e os sacerdotes a quem está confiada a cura de almas, por harmonizar prudentemente com a nova «Ordem» da Semana Santa aqueles usos susceptíveis de favorecer a sólida piedade**», (4). lembramo-nos mandar imprimir, depois de devidamente aprovado, este pequeno opúsculo que servirá para que os fiéis mais devotamente possam tomar parte nestes Ritos Conexos com as cerimónias da Grande Semana.

Não se trata de trocar estes Ritos Extra-Litúrgicos pela Liturgia própria e aprovada pela Santa Sé, mas sim fomentando e instruindo a piedade dos fiéis preparar-lhes o espírito para melhor compreenderem as comemorações destes dias santificados.

(3) Perguntando nós a um sacerdote com certa responsabilidade por um Ritual de onde constasse o modo de realizar as Procissões Extra-Litúrgicas destes dias, respondeu-nos que não havia presentemente nenhum. «Fazem-se, segundo o costume.» E depois acrescentou: «Em todas as freguesias há qualquer sacristão ou pessoa antiga que sabe como se executam esses Ritos.» Estará isto bem?... Será conforme com o sentir da Igreja?

(4) Inst. da S. C. R. sobre o modo de pôr em prática a «Nova Ordem da Semana Santa», 16 de Novembro de 1955.

Talvez que com o auxílio deste opúsculo, melhor possam sentir e chorar a morte do Nosso Divino Redentor e cantar as alegrias da Ressurreição no Domingo de Páscoa.

Utilizámos para este trabalho vários livros que vão mencionados no fim. A experiência mostrou-nos a conveniência e oportunidade de reeditar aqui o cântico que em português compusemos em 1944, para o Enterro do Senhor, e de publicar também o cântico popular «*O Mãe Dolorosa*», que tão justamente se adapta à noite de Sexta-feira Santa.

Que o Senhor abençoe o nosso projecto, pois que para **Ele e Sua Santíssima Mãe** desejamos seja todo o nosso trabalho.

«*PRO JESU ET MARIA OMNIS LABOR MEUS.*»

Albufeira, 1960.

PROCISSÃO DE ENDOENÇAS

Quinta-feira Santa à noite



TRÊS são os nomes pelos quais esta Procissão é conhecida: *Procissão do Senhor Ecce Homo*, *Procissão dos Painéis* e *Procissão de Santa Maria*.

Nos Compromissos mais antigos das Misericórdias, v. g. Lisboa, 1619, Viseu, 1624, Braga, 1628, Elvas, 1705 e outros, há um capítulo: «**Do modo com que se ha de fazer a Procissam de Endoenças**».

Sabemos que Quinta-feira Santa era conhecida antigamente pelo *Dia da Remissão, da Indulgência* ou *Endoenças*, por causa da reconciliação dos penitentes públicos, neste dia. Esta prática durou até ao século XIV.

Extinta a cerimónia da reconciliação dos penitentes públicos ter-se-ia organizado esta Procissão de penitência para a visita às igrejas e, como diz o Compromisso de Braga de 1628 e o de Lisboa: «**Juntamente mover a efeito de penitencia aos fieis cristãos que reconhecerem seus pecados, e por eles quizerem fazer alguma satisfação penal nos dias em que o mesmo Filho de Deus quis pagar por nós derramando Seu precioso sangue.**».

Nenhuma instituição podia com mais razão chamar a si esta Procissão do que as *Santas Casas da Misericórdia*. E eis o motivo porque ainda hoje ela é considerada por todos os Compromissos festa da Irmandade, a que os Irmãos são obrigados a assistir. As Misericórdias, instituições do século XV perpetuaram assim até nossos dias esta prática penitencial da visita às igrejas na noite de Quinta-feira Santa.

Como prova do espírito com que as Misericórdias faziam esta Procissão temos nós a recomendação do N.º 3 do Cap. XXIII do compromisso de Braga: «**Para a procissão ir ordenada haverá alguns Irmãos que a vão governando com varas nas mãos os quais serão nobres e poderão ir ate oito, e com eles alguns outros da mesma qualidade QUE LEVEM DOCES, E O MAIS QUE FOR NECESSARIO PARA A CONSOLACÃO DOS PENITENTES, PARA OS QUAIS O MORDOMO DA CASA DARÁ ORDENS QUE SE CUREM COM MUITO CUIDADO.**» (5).

(5) O sublinhado é meu. E «Compromisso da S. Casa da Misericórdia de Viseu» — 1624.

E por se tratar do Compromisso base, aquele que durante os primeiros anos serviu de orientação a todas as Misericórdias do País, vejamos o que estabelece o Compromisso da Misericórdia de Lisboa.

No Compromisso de 1516 e no exemplar em gótico, 1520, exposto no Museu de Arte Sacra da Misericórdia de Lisboa, há a seguinte disposição: «*Outro si seram obrigados os ditos irmãos a vir a dita confraria tres vezes no anno de necessidade quando forem presentes na terra para serviço da dita confraria, a saber, por dia de nossa senhora da visitação para se elegerem os officiais que ajam de servir e governar aquelle anno as obras de misericórdia na maneira que adiante será dito, e por dia de quinte-feira dendoenças a noite para a processam dos penitentes que se faz polla cidade indo visitar o santo sepulcro onde o señr estiver.*».

E no Compromisso de 1619 além da disposição citada tem a página 33 o Cap. XXXIII: **Do modo que se ha de ordenar a Procissão das Endoenças:**

«*Quinta-feira de Endoenças se custuma a Irmandade da Misericordia ajuntar para ir visitar em Procissão algũas Igrejas, e sepulcros em que está o Santissimo Sacramento, e com esta demonstração exterior espertar o povo cristão ao devido sentimento da Paixão de Cristo Redentor Nosso, que a Igreja celebra neste santo tempo. E juntamente mover a efeito de penitencia aos fieis cristãos que reconhecerem seus pecados, e por eles quizerem fazer alguma satisfação penal nos dias em que o mesmo Filho de Deus quis pagar por nós derramando seu precioso sangue. Irão com muita applicação, e farão tudo o que lhes for possivel para que este facto se faça com muita autoridade, e piedade, principalmente havendo de ser nesta cidade onde ha concurso de estrangeiros, e muitos delles faltos de fee, que podem tomar motivo para se reduzirem, ou pello*

menos tomar maior credito das cousas pertencentes a nossa sagrada Religião.»

Esta Procissão saía da Misericórdia às quatro horas da tarde. Na frente ia a bandeira da Misericórdia levada por um Irmão nobre acompanhada por outros dois Irmãos, um nobre e outro oficial com tocheiros. Adiante da bandeira iam dois Irmãos com varas pretas e um homem de azul. (Estes «homens de azul» eram pessoas que tinham qualquer impedimento que os não deixava pertencer à Irmandade.)

Sigamos o que nos diz o Compromisso:

«E detrás dous Clerigos cantando a Ladainha. Depois se seguirão por intervalos acomodados seis insignias da Paixão de Christo Senhor nosso, que levarão seis irmãos, tres nobres, e tres officiais de maneira que a primeira leve hum Irmão official, e a derradeira hum Irmão nobre: às ilhargas de cada uma destas insignias irão dous irmãos hum nobre, e outro official com duas varas pretas, e detrás dous clerigos cantando a ladainha da mesma maneira, que a forem cantando os que vão acompanhando a bandeira da Irmandade. Da bandeira da Irmandade até à primeira insignia irão as pessoas, que por sua devoção quizerem ir nesta procissão: e da primeira insignia até à sexta irão os disciplinantes. Seguir-se-a logo a Irmandade da Misericórdia por hũa parte, e outra sem insignia no meio. No fim da Irmandade, diante do Crucifixo irão quarenta tochas levadas por quarenta Irmãos, vinte nobres, e vinte officiais, e no remate a Imagem de Christo Senhor nosso crucificado o qual levará o Escrivão da casa. às ilhargas do Crucifixo irão quatro Irmãos, dous nobres, e dous officiais com quatro tocheiros. Diante do Crucifixo irá o Provedor só com sua vara, e detrás os Capellaens da casa cantando a Ladainha. Depois dos Capellaens irão duas insignias de Christo morto em distância conveniente. A primeira

levará hum Irmão official e a outra levará hum Irmão nobre, às ilhargas destas duas insignias irão dous Irmãos, hum nobre e outro official com duas varas pretas, e detrás dous clerigos cantando as Ladainhas da mesma maneira que os outros, que acompanham as insignias, que vão diante do Crucifixo.

Para a Procissão ir ordenada averá alguns Irmãos que a Vão governando com varas na mão, os quais serão onze Irmãos da mesa, e quatro mais que a mesa nomeará para este efeito, e para se evitar confusão no governo irão en partes distintas, na parte que vay entre a bandeira da Irmandade, e a primeira insignia irá hum Irmão nobre, para que a gente que quizer acompanhar por sua devoção va en ordem. Entre as insignias irão seis Irmãos procurando que vão bem compassados, e que os disciplinantes guardem a ordem que for possivel, e que se não adiantem da primeira insignia, nem fiquem detrás da derradeira entre a Irmandade, e levarão algũas cousas de consolação com q̃ ajudẽ, e fação que se lhes acuda com o lavatorio, e que Vão a curar aquelles que forem muitos feridos, dando em tudo mostras de piedade, e compaixão Christã, que na casa da misericórdia se costuma exercitar. A parte em que vai a Irmandade desde a derradeira insignia até á Sexta governarão outros seis Irmãos, e do fim da Irmandade até ao Crucifixo, que he o lugar em que vão as tochas governará o recebedor das esmolas, e a parte que fica de tras do Crucifixo governará um Irmão que parecer mais idoneo para continuar com o trabalho, e aquietar o tumulto, que costuma: aver e tirando os Irmãos que aqui ficão nomeados não averá mais pessoa nenhuma que leve vara, ou entenda no governo da procissão.

Irá alguns fugareos por hua parte, e outra de toda a procissão, e com elles irá todo o aparelho que for necessário para continuar com luz todo o tempo, e os

Irmãos que vão governando a procissão terão cuidado de os ir despondo em espaço conveniente, e de os mandar prover quando lhes parecer necessário (Est. 1 e 2).

Todos os Irmãos irão vestidos com suas vestes da Irmandade, os que não levarem bandeira, insignia, vara ou tocha levarão hũas velas na mão e os Irmãos da mesa levarão no peito hũa Cruz de veludo azul, que sempre hande trazer nos acompanhamentos para serem conhecidos: os Clerigos todos ande ir com suas sobrepelizes, e todos os mais homens, e moços de serviço, que forem, levando fugaréos, alguidares de lavatórios, novelos, e mais cousas necessárias onde ir com vestes pretas de maneira que se veja terem ocupação propria neste acto.

Nenhum Irmão levará consigo pagens, ou criados, de maneira que fique dentro da Procissão, pela indecencia, que nisto há, e desordem que podem causar.

a Procissão irá á capella delRey, e dahy a São Domingos, e de São Domingos voltará à See, e dahy a casa da Misericordia, visitando com oração o Santissimo Sacramento nestas Igrejas e nas demais que ficarem no caminho por onde passa, de maneira que mova a devoção todos os que a acompanharem, e se acharem presentes.» (6).

Por aqui se vê como era grande a Fé nessas eras distantes e como tudo estava determinado devidamente. Para que se possa avaliar a grandeza desta Procissão eis como a descreve uma testemunha ocular em 1750, conforme refere Costa Goodolphim:

«Partem da igreja os irmãos em anoitecendo e vão pela rua Nova ter a S. Francisco, e d'ali passam á Trin-

(6) «Compromisso da Santa Casa da Misericordia de Lisboa» — 1619. B. N. L.

dade e descem ao Carmo, e dali Vão a S. Domingos, e tornam pelo Rocio e pela praça da Palha, rua das Arcas, Correaria até à Sé, e da Sé tornam à Misericordia, gastando nisto até á meia noite, e ás vezes até á uma hora.

Os Irmãos serão sempre duzentos e cincoenta até trezentos, e todos vão vestidos com ricas vestimentas pretas e postos em ordem de procissão com suas velas nas mãos.

Diante d'elles vão oitocentos, novecentos, e até mil homens e mulheres disciplinando-se os quais vão todos vestidos de vestimentas pretas e assim homens como mulheres se ferem com disciplinas, que tiram muito sangue; e esta procissão vai repartida em tres ou quatro estancias, e entre uma e outra um retabulo ou Christo posto na cruz, e no meio vão dez ou doze irmãos com suas varas, regendo e metendo em ordem.

Entre estes disciplinantes vão muitos homens com barras de ferro e cruces de pau grandes e pedras ás costas; e para claridade da gente levam cincoenta pharões de fogo, em que se gastam dois mil novelos de fiado de tomentos engraxados em borras de azeite e sebo para darem bom lume, os quais pharões vão postos em hastes muito compridas e altas; e levam trinta lanternas grandes metidas tambem em hastes com velas dentro accensas; etc. etc.

Também no Museu de Arte Sacra existe um impresso cuja fotocópia temos, por especial obséquio dos serviços competentes da Misericórdia de Lisboa, em que se faz referência a esta Procissão e à obrigação que os Irmãos tinham de nela tomar parte. O seu título é: «Solemnidades da Misericordia, a que a mesa assiste».

Na Semana Santa tem: «Quinta-feira, Missa, em que a Mesa communga depois dos Ecclesiasticos,

Procissão, Sermão do Mandato, e Lavapés. Este acto faz o Provedor prostrado de joelhos para lavar os pés aos Eleitos. A tarde Procissão de Endoenças, que entra na Capella Real, Hospital, S. Domingos, e mais Igrejas até á Sé, e depois se recolhe na Casa.»

Também em Viseu a 10 de Fevereiro de 1899 foi aprovado por alvará do Governo Civil o «**Regulamento para os acompanhamentos, procissões e comissões a que é obrigada a Irmandade da Misericórdia de Viseu**». No Artigo 11.º diz: «*A procissão de quinta feira santa sairá da egreja da Misericórdia pelas 7 horas da tarde a visitar as egrejas. A imagem de Christo será levada debaixo do pallio, como determina o artigo 68.º do Compromisso; atraz do pallio irá o provedor com a vara presidindo á Irmandade e ao acto; aos lados do pallio irão seis irmãos para isso convidados, e em seguida os clerigos. Formados em duas alas, em seguida aos clerigos, irão os irmãos, e depois d'elles os individuos estranhos á Irmandade, como é de uso e costume, e no centro das alas irão as seis bandeiras, pela ordem do costume, cada uma com dois irmãos aos lados. O vice-Provedor, o escrivão, o vice escrivão, e os mesarios com varas na mão irão dirigindo a procissão, pela ordem aqui designada, a seguir ao pallio e convenientemente distanciados. Os irmãos e todos os individuos que fizerem parte da procissão, e que não levarem outras insignias, levarão tochas accesas com guarda vento branco.*».

É interessante verificar que, apesar das distâncias, há coisas completamente iguais no Algarve, nas Beiras e no Minho. Prova-se assim a uniformidade das nossas Misericórdias.

No Arquivo da Misericórdia de Elvas (Acordãos da Mesa, 1 e 1 V.º), temos nós a lista da «Despesa da Semana Santa em 1651: Procissão de Endoen-

ças: ... «De 24 atts, confeitura p.^a a Procissão a 110 ... 2.640 «De 2 almudes de vinho para as garrfaas e lavatórios dos penitentes a 750 — 1.500»

Por isto se vê que tanto no Norte como no Sul a forma como esta Procissão era feita tinha o mesmo espírito e a mesma origem.

Os seus títulos também são eloquentes.

Em Braga e no Norte do País ela é conhecida por *Procissão do Senhor Ecce Homo*, pois que, dada a noite em que ela se realiza: noite de Quinta-feira Santa, é levada nessa Procissão a Imagem do Senhor *Ecce Homo*, Cristo coroado de espinhos e mãos atadas, como foi conduzido de tribunal em tribunal.

É ainda conhecida por **Procissão dos Painéis**, pois que, em muitas partes e também pelo mesmo motivo: «**Com esta demonstração exterior espertar o povo cristão ao devido sentimento da Paixão de Cristo Redentor nosso, que a**



Igreja celebra neste santo tempo,» (7) muitas Misericórdias conduzem neste cortejo alguns Painéis ou Bandeiras representando várias fases da Paixão do Senhor.

Finalmente é ela conhecida por **Procissão de Santa Maria**; visto que nalguns lugares, principalmente no Algarve, os fiéis incorporam-se cantando a estrofe: «*Santa Maria Ora pro nobis*».

Sobre este último título há quem veja aqui restos da antiga ladainha de Todos os Santos que se cantava nesta Procissão por ser de penitência. Por esse motivo se canta tal ladainha em Albufeira e noutras partes do Algarve, bem como nas dioceses de Portalegre e Viseu.

A nós parece-nos que a invocação de «**Santa Maria Ora pro nobis**», cantada nesta Procissão tem o seu motivo em ser esta realizada nalgumas partes, com o fim principal de acompanhar Nossa Senhora na sua agonia, nessa noite de Quinta-feira, em que Ela, sabendo da Paixão do Seu Jesus, andaria, pelas ruas de Jerusalém, aflita sem poder valer ao Seu bendito Filho. Como prova disto temos nós em **Águeda**, diocese de Aveiro, a chamada **Procissão da Soledade ou das Lágrimas**, feita nesta noite e constituída da seguinte forma: «*À frente abre o préstito por um grupo formado por um sacerdote trajando capa, batina e barrete, descendo aquela solta até aos pés, levando uma imagem grande de Cristo Crucificado, indo ao lado dois Irmãos do Senhor Jesus com lanternas.*» (8). Atrás vai a imagem de Nossa Senhora da Soledade.

De qualquer maneira que seja feita, tem esta Procis-

(7) Compromisso de Braga — 1628. E. o de Lisboa — 1619.

(8) «*Memórias de Agueda*», *As suas antigas Procissões*. Soares da Graça.

são um cunho de tanta piedade e sentimento cristão que se não deve deixar desaparecer.

Em Braga a Procissão segundo o cerimonial de 1628 era organizada da seguinte forma:

«2 — *Sairá a procissão da Igreja da Misericórdia às oito horas da tarde pela porta travessa e entrará na Sé pela porta de São Geraldo, e tomando as claustras entrará outra vez na Sé, e sairá pela porta principal, indo pelas ruas costumadas por onde ultimamente vai, e se tornará a recolher pela Sé à Misericórdia, entrando pela porta principal dela. Diante da procissão irão os fogaréus e logo as lanternas, no fim das quais irá uma bandeira das da Casa que levará um Irmão nobre e atrás ela se seguirá a mais gente que levar a cera, e depois disto a Bandeira da Irmandade levada por um irmão nobre a qual seguirão todos os irmãos por uma parte e outra com tochas nas mãos muito por ordem, e entre eles irá a Bandeira com a Imagem do Ecce Homo que levará um Irmão oficial a qual acompanharão os padres: e cada uma destas bandeiras levará duas tochas uma de cada banda, e as levarão dois irmãos, um nobre e outro oficial, e no fim deles a imagem do Ecce Homo de vulto, que vai no andor, levado pelos devotos; e logo mais atrás no fim da procissão irá o crucifixo que de novo se mandou fazer para este efeito, o qual levará o escrivão da Casa, ou um Capelão dela: acompanharão por uma parte, e outra o Ecce Homo e crucifixo doze tochas, que irão nas mãos de doze Irmãos, seis nobres e seis oficiais, cercando-os a todos sacerdotes e mais padres cantando a coros em canto de órgão o Salmo de Miserere mei Deus, a que responderão outros sacerdotes que também irão divididos em coros entre a Irmandade: e nenhuma destas imagens irá debaixo de Palio por se evitarem os inconvenientes que nisso pode haver.*»

Pouco mais ou menos é assim no Norte do País.

Na Póvoa de Varzim, pelos motivos já apresentados costumam ir nesta Procissão três andores: o do Ecce Homo, o do Senhor com a Cruz às costas e o do Senhor Crucificado.

Em Vila Flor, diocese de Bragança, vão o *Senhor do Caixão*, o *Senhor dos Passos* e a *Senhora da Soledade*.

Na cidade do Porto, «*embora caída em desuso, ainda há memória, de se fazer uma procissão dos penitentes na Quinta-feira Santa à noite, que saindo da Igreja Privativa à Rua das Flores, ia até à Sé e que voltava ao ponto de partida depois de visitar outras Igrejas.*

Ainda hoje existem nesta Santa Casa 13 painéis, 12 dos quais temos notícia de terem sido feitos por pintores nacionais em 1613 (livro de lembranças n.º 2, fls. 133) e o 13.º é posterior e possivelmente de autor estrangeiro pois denota factura mais perfeita, de sabor espanhol (lembra muito o estilo de Morales). Constituem os 13 uma série completa, sendo o último dos 12 o «Cristo pregado» e os 13 um «Cristo Morto» nos braços de Sua Mãe Santíssima após o descimento, isto é, uma «Pietà».

De tudo isto fomos informados pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. José Manuel Pereira de Oliveira, Digníssimo Secretário da Provedoria da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

Em Aveiro, nos Estatutos da Irmandade, de 1912, artigo 13 se diz: «*Todos os irmãos devem comparecer na Igreja da Misericórdia na tarde de quinta-feira Maior, a fim de acompanhar a procissão — Ecce Homo —*».

Esta procissão saía da Igreja da Misericórdia para a Igreja do Carmo, conduzindo a imagem do Senhor «Ecce Homo».

Em Viseu na Procissão de Quinta-feira Santa eram levados 9 painéis da Paixão do Senhor, que representavam:

- 1.º Nosso Senhor no Horto
- 2.º Prisão de Cristo
- 3.º Cristo na presença de Caifás
- 4.º Cristo em frente de Pôncio Pilatos
- 5.º Cristo açoitado
- 6.º A coroação de espinhos
- 7.º Ecce Homo
- 8.º Cristo a caminho do Calvário
- 9.º Nossa Senhora da Misericórdia.

Em Torres Novas, segue-se ainda a Artigo 101 do *Compromisso da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia*, de 1866 que diz:

«*Sempre que em qualquer das igrejas d'esta villa haja exposição do Santíssimo Sacramento dia de quinta-feira maior, a irmandade irá fazer a visita em procissão, levando a bandeira da irmandade e mais quatro painéis, e uma imagem do Senhor Jesus Crucificado, que existe no seu oratorio na casa do despacho.*

Meia hora antes da saída da procissão um presbytero com estola irá collocar a imagem no estrado do altar mór, sobre panno e almofada de seda branca.

Reunida a irmandade sairá processionalmente pela forma seguinte:

- 1.º O vice-provedor com a matraca;
- 2.º Um irmão de mesa com uma vara preta;
- 3.º O irmão do culto divino com a bandeira;
- 4.º Dois irmãos com lanternas aos lados da bandeira;
- 5.º Primeiro painel levado por um mesario;
- 6.º Duas lanternas ao primeiro painel;
- 7.º Segundo painel levado por um mesario;
- 8.º Dois irmãos com lanternas ao segundo painel;
- 9.º Terceiro painel levado por um mesario;

- 10.º *Dois irmãos com lanternas ao terceiro painel;*
- 11.º *Quarto painel levado por um mesario;*
- 12.º *Dois irmãos com lanternas ao quarto painel;*
- 13.º *A irmandade em alas levando tochas accesas;*
- 14.º *Dois thuriferarios e os capellães da casa;*
- 15.º *O escrivão da mesa com a imagem de Nosso Senhor, indo aos lados quatro mesarios com lanternas;*
- 16.º *O provedor com sua vara;*
- 17.º *Os provedores das mesas transactas levarão varas de governo.*

Feita a visita recolhe a procissão à igreja da Misericórdia pela mesma ordem, e um presbytero tomará das mãos do escrivão a imagem que irá collocar no seu oratório, acompanhado de dois irmãos com tochas accesas.»

No Algarve a organização é pouco mais ou menos a mesma com a diferença que o Crucifixo é conduzido por um sacerdote debaixo do pálio roxo. (Est. 3)

Em Loulé, antigamente havia a circunstância especial de ao lado dos painéis seguirem duas grandes filas de matracas.

Depois de este preâmbulo histórico vejamos:

O QUE HA A PREPARAR PARA ESTA PROCISSÃO

Nos livros antigos, como v. g. o *Memoriale Ritum, Liturgia* de D. António Coelho, etc., sempre havia esta nota. Ultimamente não o temos notado nos livros publicados. O resultado é que, apesar de toda a boa vontade, chega a altura de uma cerimónia e falta qualquer coisa. Julgámos por isto mesmo conveniente não omitir esta nota.

Na igreja de onde sairá a Procissão:

Se ela sai da igreja da Misericórdia, o que acontece quase sempre, há que pôr em ordem os Painéis bem como as lanternas grandes que os hão-de ladear e as lanternas pequenas ou fachos que hão-de ser levados pelos outros membros da Irmandade ou Confraria. A cera para esta procissão será branca. Serão postos em ordem os balandraus e destribuídos a tempo, bem como avisados os irmãos que hão-de levar as bandeiras, lanternas, etc.

Num lugar cómodo será armado o pálio de cor roxa e numa capela, a não ser que haja um nicho próprio, será colocado o Crucifixo que o sacerdote levará debaixo do pálio (9).

Se esta procissão sair da igreja matriz e não houver Misericórdia, aí se preparará o que respeita a cada Confraria ou Associação que nela haja de tomar parte, bem como o pálio roxo e as lanternas que o hão-de ladear e que serão quatro.

Na sacristia:

Prepara-se o pluvial e estola roxa, cota ou sobrepeliz para o sacerdote que presidir e cotas ou sobre-

(9) Além do costume imemorial o Decreto 2647 tolera que vão debaixo do pálio Relíquias da verdadeira Cruz e os Instrumentos da Paixão. Além disso pode equiparar-se este costume ao de levar o Senhor Morto debaixo do pálio, o que está aprovado pelo Decreto da S. C. R. 3804 de 16-VI-1893. Conforme diz Cavalieri por Decreto da S. R. C. de 11 de Março de 1579 é concedido que em Procissões solenes sejam conduzidas imagens de N. Senhora e dos Santos debaixo do Pálio, contanto que se peça licença ao Ordinário por causa dos abusos. Decreto de 12 de Março de 1613 e 10 de Julho de 1621.

pelizes para os que o hão-de acompanhar. Turíbulo e naveta com incenso vulgar. Livros com a *Ladainha de Todos os Santos* ou com o que se há-de entoar na procissão. A matraca será entregue ao encarregado de dar os sinais para a cerimónia começar. Nalgumas terras o Andador da Misericórdia, ou alguém em seu lugar, percorre as ruas tocando a matraca que nestes dias substitui o toque dos sinos. (Est. 4)

Nas igrejas que devem ser visitadas:

Devem ser preparadas opas para os irmãos da Confraria principal da igreja, que estarão à porta em duas alas para receber a Procissão. Uma credência devidamente coberta com uma toalha para se colocar o Crucifixo durante a incensação, e tudo o mais que se veja fazer falta para a boa ordem na entrada e saída da Procissão.

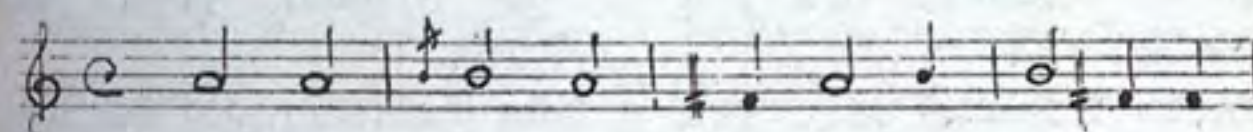


ORGANIZAÇÃO

A hora marcada os irmãos da Misericórdia com os seus balandraus vestidos, cabeça descoberta, tomarão os painéis e as lanternas e formar-se-á o cortejo.

A frente irá o Andador com a matraca, e erguida no meio de duas lanternas a Bandeira principal da Misericórdia. (Vulgarmente conhecida por Bandeira Real). Depois no meio das alas dos irmãos, também erguidos e sempre ladeados por duas lanternas grandes, seguirão os painéis da Paixão do Senhor conforme a ordem que lhes convém. No fim o pálio de cor roxa com o sacerdote de dobrepeliz, estola e pluvial da mesma cor conduzindo um Crucifixo descoberto. (10).

Tomados os paramentos na sacristia o sacerdote que preside vai ao altar principal da igreja (a não ser que aí esteja o Santíssimo Sacramento exposto), e colocado aí o Crucifixo incensa-o três vezes. Se estiver nessa igreja alguma imagem insigne exposta à veneração dos fiéis, incensa-a primeiro da mesma forma. Se estiver o Santíssimo Sacramento exposto, coloca o Crucifixo na credência da capela-mor, vai diante do Santíssimo, ajoelha com os dois joelhos, faz inclinação profunda e incensa na forma costumada. Levanta-se, toma o Crucifixo e canta, esperando que os fiéis repitam o mesmo:

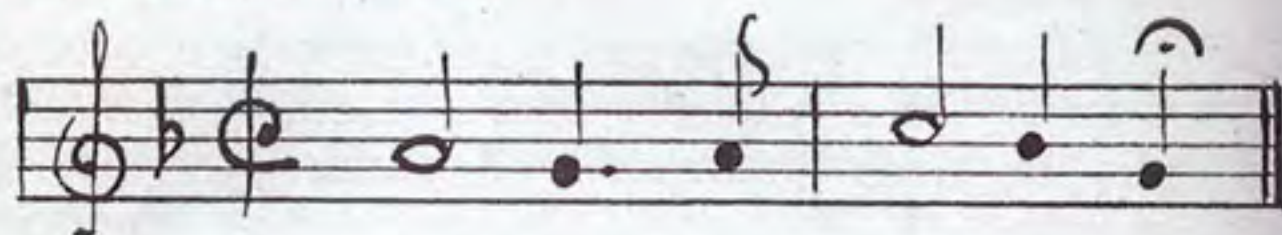


Se - nhor De - us mi - se - ri - cor - dia

(10) Segundo o Decreto da S. C. R. 3332,4 as imagens no tempo da paixão vão descobertas nas procissões. Está assim resolvida, parece-nos, a polémica que sobre este assunto se levantou há tempos. D. A. Coelho — *Liturgia Romana*.

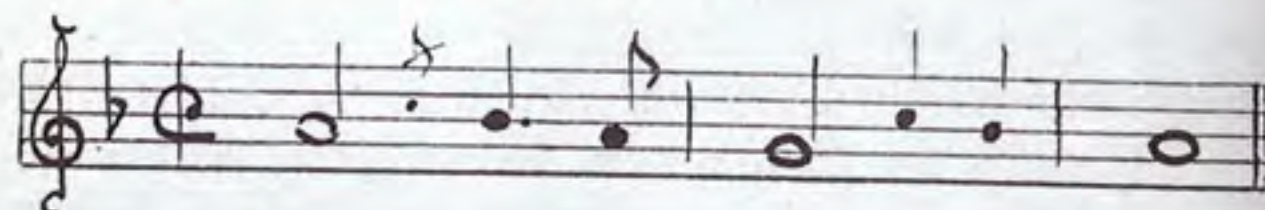
Repete três vezes da mesma forma, enquanto a Procissão se põe em marcha.

Depois com o auxílio de alguns cantores entoa muito pausadamente:



San - cta Ma - ri - a

A que os fiéis respondem:



O - - - ra pro no - - - bis

E assim vai prosseguindo a Procissão.

Nalgumas freguesias por se tratar de uma Procissão de penitência, é costume entoar da mesma maneira a primeira parte da *Ladainha de Todos os Santos*:

Santa Dei Génitrix, ora pro nobis.

Sancta Virgo Virginum, ora pro nobis.

Sancte Michael, ora pro nobis.

Sancte Ráphael, ora pro nobis.

Omnes Sancti Angeli et Archangeli, orate pro nobis.

Omnes Sancti Beatórum

Santa Mãe de Deus, rogai por nós.

Santa Virgem das virgens, rogai por nós.

São Miguel, rogai por nós.

São Rafael, rogai por nós.

Todos os Santos Anjos e Arcanjos, rogai por nós.

Todas as Ordens dos Espí-

Spirítuum Ordines, orate pro nobis.

Sancte Joánes Baptista, ora pro nobis.

Sancte Joseph, ora pro nobis.

Omnes Sancti Patriarchae et Prophetae, orate pro nobis.

Sancte Petre, ora pro nobis.

Sancte Paule, ora pro nobis.

Sancte Andrea, ora pro nobis.

Sancte Joánes, ora pro nobis.

Omnes Sancti Apóstoli et Evangelistae, orate pro nobis.

Omnes Sancti Discípuli Dómini, orate pro nobis.

Sancte Stéphane, ora pro nobis.

Sancte Lauréti, ora pro nobis.

Sancte Vincéti, ora pro nobis.

Omnes Sancti Mártires, orate pro nobis.

Sancte Silvéster, ora pro nobis.

Sancte Gregóri, ora pro nobis,

Sancte Augustíne, ora pro nobis.

ritos Bem-aventurados, rogai por nós.

São João Baptista, rogai por nós.

São José, rogai por nós.

Santos Patriarcas e Santos Profetas, rogai por nós.

São Pedro, rogai por nós.

São Paulo, rogai por nós.

Santo André, rogai por nós.

São João, rogai por nós.

Todos os Santos Apóstolos e Evangelistas, rogai por nós.

Todos os Santos Discípulos do Senhor, rogai por nós.

Santo Estevão, rogai por nós.

São Lourenço, rogai por nós.

São Vicente, rogai por nós.

Todos os Santos Mártires, rogai por nós.

São Silvestre, rogai por nós.

São Gregório, rogai por nós.

Santo Agostinho, rogai por nós.

Omnes Sancti Pontífices et Confessóres, oráte pro nobis.

Omnes Sancti Doctóres, oráte pro nobis.

Sancte Antóni, ora pro nobis.

Sancte Benedicte, ora pro nobis.

Sancte Domínice, ora pro nobis.

Sancte Francísce, ora pro nobis.

Omnes Sancti Sacerdótes et Levítæ, oráte pro nobis.

Omnes Sancti Mónachi et Eremítæ, oráte pro nobis.

Sancta María Magdaléna, ora pro nobis.

Sancta Agnes, ora pro nobis.

Sancta Caecília, ora pro nobis.

Sancta Agatha, ora pro nobis.

Sancta Anastásia, ora pro nobis.

Omnes Sanctæ Virgines et Viduæ, oráte pro nobis.

Omnes Sancti et Sanctæ Dei, intercédite pro nobis.

Todos os Santos Pontífices e Confessores, rogai por nós.

Todos os Santos Doutores, rogai por nós.

Santo Antão, rogai por nós.

São Bento, rogai por nós.

São Domingos, rogai por nós.

São Francisco, rogai por nós.

Todos os Santos Sacerdotes e Levitas, rogai por nós.

Todos os Santos Monges e Anacoretas, rogai por nós.

Santa Maria Madalena, rogai por nós.

Santa Ines, rogai por nós.

Santa Cecília, rogai por nós.

Santa Agueda, rogai por nós.

Santa Anastácia, rogai por nós.

Todas as Santas Virgens e Viúvas, rogai por nós.

Todos os Santos e Santas de Deus, intercedei por nós.

Noutras freguesias, como estabelece o Compromisso da Santa Casa da Misericórdia de Braga, de 1628, vão cantando o Salmo «Miserere mei Deus»:

Miserere mei, Deus, secúndum magnam misericórdiam tuam.

Et secúndum multitudinem miserationum tuarum, dele iniquitatem meam.

Ámplius lava me ab iniquitate mea: et a peccato meo munda me.

Quóniam iniquitatem meam ego cognosco: et peccatum meum contra me est semper.

Tibi soli peccávi, et malum coram té feci: ut justificéris in sermónibus tuis, et vincas cum iudicáris.

Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum: et in peccátis concépit me mater mea.

Ecce enim veritatem dilexísti: incerta, et occulta sapiéntiæ tuæ manifestásti míhi.

Aspérge me hyssopo, et mundábor: lavábis me,

Compadeccei-vos de mim, Senhor, segundo a vossa grande misericórdia.

Segundo a multidão das vossas bondades apagai minha iniquidade.

Lavai-me ainda mais da minha iniquidade: e purificai-me do meu pecado.

Porque conheço a minha iniquidade: e tenho sempre presente a meus olhos a minha culpa.

Só contra Vós pequei e diante de Vós fiz o mal: confesso-o para mostrar que são justas as Vossas sentenças e irrepreensíveis os Vossos juízos.

Fui concebido na malícia: e em pecado me concebeu minha mãe.

Amaste a sinceridade do coração: fizeste-me conhecer os segredos da vossa sabedoria.

Aspergir-me-eis com o hissopo e ficarei limpo:

et super nivem dealbabor.

Audítui meo dabis gaudium et laetítiam: et exultábunt ossa humiliata.

Avérte fáciem tuam a peccátis meis: et omnes iniquitátes meas dele.

Com mundum crea in me, Deus: et spíritum rectum ínnova in viscéribus meis.

Ne projícias me a fácie tua: et spíritum sanctum tuum ne áuferas a me.

Redde mihi laetítiam salutáris tui: et spíritu principáli confírma me.

Docébo iníquos vias tuas: et ímpii ad te converténtur.

Líbera me de sanguíbus; Deus, Deus salútis meae: et exultábit lingua mea justítiam tuam.

Dómine, lábia mea apéries: et os meum annuntiábit laudem tuam.

Quóniam si voluísses

lavar-me-eis e ficarei mais alvo do que a neve.

Far-me-eis ouvir palavras de gozo e de alegria e os meus ossos hão-de exultar.

Desviai a vossa face dos meus delitos: e apagai todas as minhas iniquidades.

Criai em mim, ó Deus, um coração puro: e renovaí no meu ser um espírito recto.

Não me rejeiteis da Vossa presença: não retireis de mim o espírito santificador.

Dai-me a alegria da Vossa salvação: e confirmai-me com o Vosso espírito soberano.

Ensinarei aos maus os Vossos caminhos: e os ímpios se converterão a Vós.

Livrai-me do sangue derramado, ó Deus, Deus, meu Salvador: e a minha língua celebrará a Vossa justiça.

Abrir-me-eis, Senhor, os lábios: e a minha boca publicará Vossos louvores.

Se preferísseis sacrifi-

sacrificium, dedíssem úti-que: holocáustis non delectáberis.

Sacrificium Deo spíritus contribulátus: cor contritum, et humiliátum, Deus non despícies.

Benigne fac, Dómine, in bona voluntáte tua Sion: ut aedificentur muri Jerúsalem.

Tunc acceptábis sacrificium justítiae, oblatiónes, et holocáusta: tunc impónent super altáre tuum vítulos.

cios, de bom grado os ofereceria: mas não vos agradam os holocaustos.

O sacrifício agradável a Deus é o espírito de humildade: não desprezareis um coração contrito e abatido.

Tratai benignamente a Sião, Senhor; para serem levantadas as muralhas de Jerusalém.

Então recebereis um sacrifício de justiça, oferendas e holocaustos: então serão postos novilhos sobre o Vosso altar.

Chegada à porta de alguma igreja que haja de ser visitada, e é costume visitar todas as que existem na localidade, a Procissão pára e com muita ordem entra por uma porta e sai por outra, podendo ser.

Se o Santíssimo Sacramento estiver exposto os membros das alas ajoelham, dois a dois com ambos os joelhos diante do Santíssimo, fazendo inclinação profunda e seguem.

Se o Santíssimo não estiver exposto, fazem uma simples genuflexão ao altar principal ou à imagem exposta.

Os irmãos que levam as insígnias nunca ajoelham (11).

(11) D. António Coelho, Curso de Lit. Rom., Cap. XII, n.º 286.

Quando o Pálio chegar à porta, se puder entrar comodamente, entra, caso contrário espera e o sacerdote vai ao altar principal, ou caso lá não possa ir, põe o Crucifixo na credência preparada para isso e incensa a imagem ou altar principal.

Se o Santíssimo Sacramento estiver exposto, incensa-O, tendo o cuidado de observar o que é costume fazer em tais circunstâncias.

Terminada a incensação recita em voz alta a seguinte antífona:

Christus factus est pro nobis obédiens usque ad mortem.

Mortem autem crucis.

V. Adoramus Te, Christe, et benedícimus Tibi.

R. Quia per Crucem tuam redemísti mundum.

O RÉMUS

Réspice, quaesumus, Dómine, super hanc familiam tuam, pro qua Dóminus noster Jesus Christus non dubitávit mánibus tradinocéntium, et crucis subire torméntum (et dicitur sub silentio). Qui tecum vivit et regnat, in unitate Spíri-

Jesus Cristo fez-se por nós obediente em tudo até à morte.

E morte de Cruz.

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus.

R. Porque remistes o mundo pela Vossa Cruz.

O REMOS

Dignai-Vos, Senhor, lançar um olhar sobre a Vossa família, pela qual Nosso Senhor Jesus Cristo não teve dúvida em se entregar nas mãos dos ímpios e sofrer o suplício da Cruz (e acrescenta-se em voz baixa). O qual, sendo Deus,

tus Sancti Deus, per ómnia saecula saeculórum.

R. Amen.

convosco vive e reina na unidade do Divino Espírito por todos os séculos dos séculos.

R. Assim seja.

Pega novamente no crucifixo e entoa como no princípio:

Senhor Deus misericórdia.

E a Procissão recomeça.

Quando chegar à igreja principal todos entram no templo para ouvirem o sermão e fazerem adoração ao Santíssimo Sacramento exposto.

Convém que não se omita este sermão que, expondo a Paixão do Senhor, na Quinta-feria Santa, faz com que os fiéis se compenetrem da comemoração que se faz e melhor compreendam o significado desta Procissão.

Se o cortejo terminar nesta igreja, canta-se depois do sermão, por três vezes o **Senhor Deus misericórdia** e a Irmandade sai para a sua igreja com os Painéis erguidos como vieram mas sem o Pálio e sem a presidência do sacerdote.

Se a Procissão terminar na igreja da Misericórdia procede-se, no fim do sermão como se fez nas outras igrejas visitadas.

NOTA FINAL

Ao termos aduzido a respeito desta Procissão certos costumes, que nalguns lugares existem, de forma alguma queremos inculcar a sua introdução ou mesmo a sua conservação. Eles só poderão continuar mercê

da parte legislativa que logo no princípio mencioná-mos sobre «*Costumes na Liturgia*».

A nossa compreensão das coisas, aliada à virtude da prudência, levar-nos-á a acabar com coisas que não condizem com as comemorações desta Noite de Quinta-feira Santa. Façamos a Procissão mas demos-lhe um sentido de penitência próprio desta noite, como aliás foi o sentido que a criou.



PROCISSÃO DO ENTERRO DO SENHOR

ESTA Procissão que não está determinada pelas rubricas do Missal Romano, estabeleceu-se, em Portugal pela devoção dos fiéis (12) nos fins do século xv e princípios do século xvi.

Foi trazida de Jerusalém pelo Padre Paulo de Portalegre e começou a fazer-se, no Convento de Vilar de Frades, Arcebispado de Braga, de 1500 a 1510, de onde se estendeu a todas as Catedrais de Portugal (13).

(12) Fr. Matias de S. Ana. — «*Cerimónial Eclesiástico*», segundo o Rito Romano, 1743.

(13) João Campello de Macedo — «*Thesouro de Cerimónias*» — 1668.

O seu instituidor «*Varão eminentíssimo entre os mais ilustres da Congregação dos Cónegos seculares de S. João Evangelista, morreu em 5 de Agosto de 1510.*» (14). D. João II nomeou-o Bispo de Lamego mas ele não aceitou essa dignidade.

Em 1518 já o *Missal Bracarense* mencionava o Rito desta Procissão, com o Santíssimo Sacramento, o que se não verifica com o Missal do mesmo Rito de 1512 (15), e os anteriores.

Quisemos verificar o *Missal Bracarense* de D. Jorge da Cunha, impresso em Lisboa em 1498 por ser exemplar único em Portugal. É em letra gótica a preto e vermelho e está incompleto. Faltam-lhe as oito primeiras páginas. Em Sexta-feira Santa, depois de se referir às Vésperas desse dia termina dizendo: «*Ipsa die sicut traditio docet: debēt altaria lavari vino et aqua.*» (16). «*Neste mesmo dia como ensina a tradição devem lavar-se os altares com vinho e água.*»

Começou pois esta Procissão a ser feita com o Santíssimo Sacramento, como ainda hoje se faz no Rito Bracarense.

No entanto, D. Edmundi Marténe refere-nos dois Ritos muito diferentes, que na antiguidade se faziam só em dois Mosteiros Beneditinos, para a deposição do Corpo do Senhor em Sexta-feira Santa: «*In Concordia Dunstani*», depois da adoração da Cruz; «*In Tullensi Ordinário*», depois de Vésperas.

(14) P. Francisco de Santa Maria — «*Ano Histórico e Diário Português*», Lisboa, 1744.

(15) Mons. J. Augusto Ferreira — «*Estudos históricos litúrgicos*», pág. 102.

(16) *Missal Bracarense* de D. Jorge da Cunha — 1498. Biblioteca da Ajuda.

No primeiro, como aí se diz (17): «*Porque neste dia celebramos a deposição do Corpo do Nosso Salvador, se alguém lhe agradar este imitável uso de alguns religiosos, para corroborar a fé dos simples e dos neófitos deste modo a descrevermos: faça-se uma semelhança de sepulcro numa parte de altar que esteja vazio, com qualquer véu estendido em volta; no qual depois da adoração da Cruz se a depõe por esta ordem: Vem o Diácono que primeiro a conduziu, e envolve-a com um lençol ou véu no lugar onde foi adorada, é depois conduzida cantando as Antifonas: «In pace in idipsum»; «Habitábit.» Item. «Caro mea requiescet in spe», até que chegam ao lugar do sepulcro. Deposta aí a Cruz, como se o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo fosse sepultado, digam a Antifona: «Sepulto Domino signatum est monumentum ponentes milites qui custodirent eum» (18). Neste lugar se guarda com toda a reverência a santa Cruz até à madrugada do Domingo da Ressurreição; durante a noite ordenem-se dois ou três ou mais irmãos, conforme o número da Comunidade, que cantando salmos façam de fiéis guardas do túmulo.*»

No segundo Mosteiro a cerimónia é descrita da forma seguinte: «*Findas as Vésperas e tendo o sacerdote tirado a casula, o Diácono em alva e com estola, estando também o turibulário e os ceroferários com alvas, é tomada a Cruz pelo próprio sacerdote, sobre o altar de S. Pedro e faz-se a procissão para o sepulcro; na qual se observa esta ordem: primeiro vão os ceroferários, seguidos pelo turiferário e depois o Diácono*

(17) D. Edmundi Marténe — «*De Antiquis Monachorum Ritibus*». Lugduni M.DC.LXXXX.

(18) A tradução desta Antifona é: «*Sepultado o Senhor foi selado o monumento pondo-lhe soldados que o guardassem*».

levando o próprio corporal embrulhado; se porém, o Abade da Casa preside ao ofício, o Presbítero que lhe serviu à Missa levará a Cruz e o Abade irá atrás dela; depois os mais velhos por ordem, e os mais novos a seguir dizendo os sete salmos penitenciais... **Gloria Patri.** Aqueles, porém, que levam os ceriais, turíbulo, corporal e Cruz, param à entrada do sepulcro, defronte das portas do claustro, por último, porém os meninos; a Cruz é levada para o sepulcro pelo sacerdote que oficiou na Missa, quer seja o Abade ou outro; à frente do qual vão os ceroferários, o turiferário e o Diácono; e coloca-se a própria Cruz sobre o altar e envolve-se com o corporal a imagem do Crucificado, e outro pano sobre o próprio corporal, começando as antífonas em alta voz, e o coro prossegue a antífona **In Pace**; a antífona **Habitábit**; a antífona **Caro mea** e a antífona **In Pace factus est.** Acabadas estas saem por outra porta do sepulcro pela ordem por que tinham entrado. Então o sacerdote que oficiou, quer seja o Abade ou outro, fecha a porta do sepulcro começando este R. **Sepulto Domino**, e o coro prossegue até ao fim da repetição, depois do V. a Procissão retira-se para a sacristia.»

Eis os dois Ritos mais antigos que, bem se pode dizer, foram os procriadores da nossa Procissão do Enterro do Senhor. Esta, porém, como atrás se disse e como hoje a executamos foi feita no princípio com o Santíssimo Sacramento como prescreve o *Missal Bracarense* de 1518, e como se faz «nas Igrejas dos Religiosos Beneditinos, que em razão dos seus privilégios, e em outras muitas Igrejas Regulares, e Seculares que conservam o antigo costume de fazer esta Procissão do Enterro» (19).

(19) José Maria de Azevedo Moura — «Ofício da Semana Santa; conforme o Breviário e Missal Romano». Porto 1790. Também na Sé de Faro se fez esta Procissão do Enterro

Quando lemos isto pela primeira vez pareceu-nos uma anomalia inaudita. No entanto hoje, em virtude de ter estudado o assunto e considerado certas circunstâncias, já não nos parece tão mal. Primeiro porque se trata de uma Procissão com uma das hóstias consagradas na Missa solene de Quinta-feira Santa e que, tendo sido exposta à adoração dos fiéis na tarde e noite desse dia e manhã da Sexta-feira, é conduzida processionalmente para um túmulo onde se conserva até à aurora do Domingo da Ressurreição. Daí é levada em triunfo cantando-se as alegrias Pascaes da manhã desse dia. Só isto basta para compreender esta cerimónia. Mas há mais: Aquele Senhor que instituiu o Santíssimo Sacramento, na tarde do dia em que o comemoramos, retirou-se para o *Horto* em oração (nome porque é conhecido na Liturgia Bracarense o lugar da exposição do Santíssimo) foi preso, açoitado e o seu corpo foi bárbaramente tratado tendo subido ao Calvário na manhã de Sexta-feira onde expirou no alto da Cruz. O seu corpo, aquele corpo que nós adoramos realmente presente no Santíssimo Sacramento foi deposto da Cruz e conduzido ao sepulcro de onde na manhã de Domingo saiu triunfalmente ressuscitado. Para lembrar isto com mais insistência o celebrante das cerimónias de Sexta-feira Santa assim que o Santíssimo é tirado do Trono e colocado no altar, onde ele comungará uma das hóstias recita logo a antífona «*Hoc corpus quod pro vobis tradetur*», «Este corpo que por vós será entregue». E é envolta desta ideia que a Procissão se faz.

com o Santíssimo Sacramento levado no esquife até que em 1719, em Sé vaga, o Cabido, devido a proibições da Santa Sé, resolveu substituí-lo pela imagem do «Senhor Morto» (emprestada pela igreja do Carmo enquanto a Sé não teve a sua). Ver livro dos *Acordos do Cabido*, desse tempo.

Esteve ela muito difundida em Portugal e foi seguida durante muitos anos no Rito Romano. Temos a prova disto nos cofres para a condução do Santíssimo Sacramento, que ainda hoje existem em quase todas as igrejas e alguns bastante artísticos. Nos rituais antigos, segundo o Rito Romano, que descrevem a Procissão do Enterro aí se diz «*que meterá uma das hóstias em um corporal que encerrará dentro do cofre; o qual assim cerrado, o porá sobre o corporal detrás do cális, coberto com um véu branco para que não sirva de estorvo às cerimónias da Missa*» (20). Com a extinção deste cerimonial perdeu-se o conhecimento exacto da utilidade e função destes cofres que muitos julgam ser simplesmente para guarda da Santa Reserva em Quinta-feira Santa.

Hoje alguns existem completamente ignorados num arcaz da sacristia ou nalguma exposição de objectos artísticos. Noutro lugar daremos a indicação de alguns cofres que conhecemos (21).

Outra prova de que o Rito da Procissão do Enterro com o Santíssimo se fez entre nós é a Procissão do Senhor Morto que se faz em muitas igrejas logo depois de Vésperas (na liturgia antes da nova reforma); logo a seguir à comunhão (na Nova Ordem da Semana Santa), e que feita a esta hora não tem sentido algum a não ser como consequência deste primitivo Rito inicial.

(20) Amaro dos Anjos — *Directorio Cerimonial*, Lisboa Oriental, M.DCC.XVII; Fr. Matias de S. Ana — *Cerimonial Ecclesiástico*, segundo o rito Romano, 1743; Fr. António de S. Luiz — *Mestre de Cerimónias*, que ensina o Rito Romano, Lisboa, 1780; etc., etc.

(21) Joam Campello de Macedo no seu *Thesouro de Cerimónias*, edição de 1657 diz que o Celebrante depois de meter uma das hóstias dentro do corporal a «*porá dentro do Cofrinho*,

Como se perdeu, no nosso Rito Romano esta Procissão com o Santíssimo Sacramento?

A Sagrada Congregação dos Ritos, por vários Decretos, reprovou este uso por achar que não convinha e repugnava aos Mistérios da Igreja (22), tolhando-se onde era costume o qual não podia mudar-se sem grave incómodo (23). Por Decreto de 22 de Maio de 1596 proibiu que ela se fizesse da parte da tarde. Também não poderá sair fora da igreja conforme determinou a mesma Sagrada Congregação para as Procissões com o Santíssimo Sacramento nestes dias (Decreto de 6 de Agosto de 1591).

Com todas estas restrições e até mesmo por dificuldade na execução dessa cerimónia, pois era necessário armar um altar especial, num lugar recôndito

incensado o Sacramento, o Celebrante dará o Cofre ao Diácono, o qual o receberá de joelhos; e em tanto que o acomoda na Tumba sobre o corporal, que nela deve estar estendido, o Celebrante se porá também de joelhos. Fechada a Tumba se começa a procissão... Atraz da Tumba irão o Celebrante e Ministros do Altar, com as cabeças cobertas com os amitos; atraz dos Ministros os Prelados havendo-os presentes e apoz eles a nobreza e no couce dela a pessoa Real (achando-se presente) e irá com Manto da Ordem de Cristo e os Comendadores e Cavaleiros das tres Ordens militares com mantos, e todos así Ecclesiasticos como seculares irão cobertos, os Ecclesiasticos com as sobrepelizes, os das Ordens Militares com os mantos, e os que não levarem mantos, com Tarregonhos. Nas Cathedrais e Collegiadas, irão os Conegos com as caudas das Caudatas soltas e com os capelinhos nas cabeças e todos com grande modestia e sezudez», etc.

(22) «Non convenit, et repugnat mysteriis Ecclesiae, S. R. C., 18 de Agosto de 1606.

(23) «Si consuetudo deferendi processionaliter S. S. Sacramentum feria VI Parasceves in feretro nigris velleribus contexto, non potest absque graviore incomodo extirpari, est toleranda». S. R. C., 3 de Janeiro de 1582 e 29 de Março de 1596. D. João Miguel Cavalieri.

da igreja, «com «*Hum Trono de seis degraus altos, que se possam subir, formados logo debaixo do pavimento da igreja até acima da baqueta, terá mais por cima hum docel branco com seu espaldar alto, e hum Cruz de pão preto, com sua toalha pendente dos braços,*» etc. (24), para nele colocar o Túmulo com o Santíssimo Sacramento, este Rito caiu em desuso entre nós.

«*Esse costume começou pelo século X e estendeu-se a quase toda a parte. Só veio a desaparecer no século XVIII, mas conservou-se na Alemanha, na Austria e é hoje uma particularidade do rito Bracarense.*» (25)

O Padre Amaro dos Anjos que no seu *Cerimonial* de 1717 ensina a fazer a Procissão do Enterro do Senhor com o S. S. Sacramento, só exigindo que o Pálio, o véu que cobre o Ataúde e o véu humeral sejam brancos, na edição do mesmo livro de 1734 reprova tal Procissão, servindo-se mesmo do argumento da cor dos paramentos e dos Decretos da S. R. C. para aduzir tal reprovação e diz «*só se pode admitir fazendo-se a dita Procissão com a imagem de Christo Senhor Morto*».

Caída em desuso entre nós ela foi substituída por outra com uma imagem do Senhor Morto que, feita a esta hora nem só não tem sentido, como está deslocada da sua hora própria que será ao sol-posto, hora a que pouco mais ou menos o Senhor foi descido da Cruz e deposto no sepulcro.

Não seria possível fazer algum esforço no sentido de remediar este defeito agora que a Santa Igreja

(24) P.^o José Maria de Azevedo Moura — *Officio da Semana Santa*, 1790.

(25) Manuel Pinto, S. J. — *A Reforma da Semana Santa*, Lisboa, 1956.

procura restituir as cerimónias «às suas horas próprias e mais convenientes»? (26)

Nesta freguesia de Albufeira viemos encontrar o que se faz em quase todas as partes: depois das cerimónias da manhã, Procissão do Enterro com uma imagem do Senhor Morto da Confraria do S. S. Sacramento; à noite Procissão do Enterro com a imagem do Senhor Morto da Irmandade da Misericórdia saindo da igreja Matriz para fazer o acto da tumulação na sua igreja própria. Na impossibilidade de fazer depois da comunhão, como atrás dissemos, e com o espírito com que foi instituída a Procissão do Enterro com o Santíssimo Sacramento, por não o consentir a legislação litúrgica vigente, fizemos o seguinte:

Depois da Adoração da Cruz, conforme o sentido da **Nova Ordem da Semana Santa**, fica a dominar toda a igreja um grande Crucifixo em tamanho natural acima do altar (Est. 5). Esta imagem permanece assim até que ao sol-posto é coberta com um pano. Faz-se então o sermão do descimento da Cruz e da sacristia sai uma Procissão conduzindo para o meio da igreja as imagens do Senhor Morto, Nossa Senhora da Soledade e S. João. À hora previamente estabelecida chega a Irmandade da Misericórdia que vem tomar parte na Procissão do Enterro e acompanhar a imagem do Senhor Morto até à sua igreja onde é feita a cerimónia da tumulação do Senhor. Dessa igreja veem depois, em Procissão, as imagens de Nossa Senhora da Soledade e de S. João até à igreja Matriz onde há o sermão da Soledade.

Parece-nos que desta forma se respeita em absoluto «as horas próprias e mais convenientes» para «a maior

(26) Inst. da S. C. R. sobre o modo de pôr em prática a nova Ordem.

devoção e maior fruto dos fiéis:» «Horis propriis simulque opportunis; a fidelibus facilius, devotius ac fructuosius frequentari possit» (27).

Bem sabemos que não se poderá em toda a parte modificar logo o que não está bem. No entanto procuremos incutir no ânimo dos fiéis o gosto e compreensão das sagradas cerimónias destes dias e serão eles que nos pedirão isso mesmo.

Num cerimoniário antigo fomos encontrar esta recomendação: «Tudo se faça de forma a tornar esta Procissão o mais parecida possível com o cortejo que acompanhou o Corpo do Senhor para o Sepulcro» (28).



Parece-nos que aqui está a norma para a execução dos Ritos próprios desta Procissão.

Executada no princípio segundo o Rito Bracarense vejamos como ela é ainda hoje feita nesse mesmo Rito.

(27) Inst. da S. C. R. sobre o modo de por em prática a Nova Ordem, da Semana Santa.

(28) Fr. Verissimo dos Martires, — «Director Ecclesiastico»

Procissão Theóforica

No «*Methodo da Liturgia Bracarense*» de António Tomás dos Reis, edição de 1837, a páginas 16 do Apêndice: «*Memorial de Cerimónias para alguns dias especiais do ano e da Semana Santa, conforme o uso da Santa Igreja Primacial de Braga*», aí se diz:

«Em Quinta-feira Santa: Na Credencia estará além de tudo o mais necessário um vaso com duas hostias, uma para o ofício da manhã (de sexta-feira) e outra para ir no Tumulo, aonde se conserva até à Procissão da Ressurreição; também estará a Custódia para se expor o SS. porque é praxe desta igreja de Braga estar neste dia o SS. Sacramento patente e não encerrado em cofre; este é também o Estilo da Congregação de S. Bento, e de S. Bernardo de Portugal.» (29)

(29) Por vários decretos como em 27 de Dezembro de 1607, 30 de Janeiro de 1610, a Sagrada Congregação dos Ritos prescreveu que o SS. Sacramento fosse encerrado numa urna ou cápsula fechada com uma chave. Em 14 de Fevereiro de 1705 a mesma Sagrada Congregação declarava: «*Non est toleranda consuetudo quorundam, qui contra id, quod praescribitur in Missali, exponunt hostiam consecratam reservandam à fêria V in Coena Domini usque ad ipsius consumptionem in fêria 6 in Parasceve.*»

Talvez por isto, hoje na Catedral de Braga é o SS. Sacramento encerrado numa espécie de cálix próprio e fechado na urna. No livro *Liturgia Bracarense*, de 1936, já se preceitua a dita urna.

Toda esta doutrina se encontra confirmada na Instrução da S. C. da Disciplina dos Sacramentos de 26 de Março de 1929. (Apêndice ao Concílio Plenário Português.)

Diz mais adiante que o Celebrante põe na luneta da Custódia duas hóstias unidas (e não havendo Procissão da Ressurreição põe só uma). Ao altar da exposição chama: «O lugar do Horto».

Nas coisas a preparar para Sexta-feira Santa diz: «Na sacristia os seis pluviais pretos para o pálio, as quatro planetas plicadas com estolas pretas para o Túmulo» etc. E diz mais: «Estará também preparado o Túmulo, em que há-de hir o SS. na Procissão, coberto com um véu preto, sobre o qual se porão três toalhas dobradas, que fação a largura de um coto, e quasi palmo em distancia proporcionada de uma a outra, e terão de comprido seis palmos; o Tumulo terá de comprido quatro a cinco palmos, de largo dois e meio e de alto tres, pouco mais ou menos, conforme a capacidade do lugar em que se ha-de collocar; por dentro será forrado de branco, e terá um encaixe no meio com um Corporal por baixo, onde vai seguro o Vaso com o SS.» (30).

Descreve a seguir a forma de executar o rito próprio desse dia: «Depois da Adoração da Cruz e depois

(30) Nas igrejas seculares do Rito Romano e noutras de Religiosos havia uma pequena variante: O Padre José Maria de Azevedo Moura, Presbítero Secular Portucalense, no seu *Officio da Semana Santa* conforme o Breviário e Missal Romano, 1796, diz que o Túmulo «*terá quatro pontas de fita prezas nelle para segurar a Custodia, e hum Corporal para ella se pôr; e mais adiante acrescenta: «depois o Celebrante meterá a Custodia no Tumulo deitada em cima do Corporal, e logo se porá de joelhos em quanto o Diacono a segura com as fitas e fecha o Tumulo com a chave».* Segundo outros como Fr. António de S. Luís no seu *Mestre de Cerimónias*, 1780 e o P.^e Amaro dos Anjos, no seu *Directorio Cerimonial*, 1717, mandam que haja um cofre para encerrar a hóstia dentro de um Corporal. Igualmente preceitua o P.^e Fr. Manoel da Conceição, Filho de Santa Província dos Algarves, no seu *Ceremonial Serafico e Romano*.

do Celebrante ter dito a Confissão o Diacono estende o Corporal sobre o altar, organiza-se então a Procissão a caminho do Horto. Aí o Celebrante faz incenso e incensa o SS. *moré solito*; então o Diacono vai ao Throno e trás a Custódia e a coloca sobre o corporal no meio do altar, depois o Celebrante subindo ao altar tira da Custódia as hostias consagradas, e as coloca no Vaso, e cobrindo-o com o operculo, o cobre com o corporal e o ata com a fita branca. Toma logo o veo humeral branco, e levantando-se pega no Vaso e se vira com ele para o Povo no meio do altar, entre os Ministros Sagrados, e cantando principia a antífona **Hoc Corpus** que o Coro deve continuar.»

No Altar do Ofício se segue o Rito próprio tendo o Celebrante tirado uma das hóstias do Vaso e colocando-a sobre a patena com a qual comunga na altura própria. O vaso com a outra hóstia, «A segunda Hostia, que no Vaso veio, nele se reserva cobrindo-o, e se coloca sobre o Corporal da parte do Evangelho.»

Depois da comunhão do Celebrante tendo este dito, inclinado no meio do Altar, o **Quod óre sumpsimus**. «Um acolito tira a Cruz do Santo Christo do Altar, e colloca hum Cruz liza. Feito isto recebendo o Celebrante o vaso nas mãos volta-se para o Povo, no meio dos Ministros, e entoia a antífona das Vesperas **Calicem Salutaris**, e virando-se outra vez para o Altar sobre ele repõe o Vaso. Então os cantores o psalmo **Credidi**, e o Côro prosegue as Vesperas de joelhos. Neste tempo se conduz da sacristia o Tumulo por quatro sacerdotes revestidos de alvas, e as cabeças cobertas com amitos, que o colocão sobre o Altar, tendo entretante o Celebrante o vaso nas mãos no lado do Evangelho. Posto o Túmulo sobre o Altar, e aberto pelo Diacono, o Celebrante colocará o vaso no meio sobre o corporal, e o segura no enxaixe que tem, então o Diacono o fecha,

e poem a chave ao pescoço do Celebrante (a quem pertence todo este triduo) (31), e feito o thuribolo sem benção, incensa o Celebrante, *Flexis genibus*, o SS. no Tumulo, e ai permanece até ao fim das Vesperas.»

«Feito o que, se encerra o Cortinado grande da Capela Mór, e se preparam os Ministros para a Procissão. Logo da sacristia saem para a capela mór dois meninos, ou Típles cobertos com mantos de Sarge, e uma corda de esparto na cabeça para cantarem os **Heus**; dois turiferários *in albis*; os musicos ou cantores, que respondem aos **Heus** da mesma sorte vestidos; seis Assistentes com pluviais pretos para levarem as varas do pálio;»

«Tudo disposto principiarão os dois Triples a cantar **Heu Heu**, e logo sairão da capela mor dois eclesiásticos dos mais modernos com as cabeças cobertas com as sobrepelizes ou amitos levando tochas acesas

(31) A chave não se pode dar a um leigo ainda que nobre. S. C. R., 30 de Janeiro de 1610.

Segundo o Missal Bracarense de 1558, dentro do féretro onde deve ir o SS. Sacramento se porá: uma pedra de ara, um corporal estendido, um livro do Velho e do Novo Testamento, ou um Missal, uma pequena cruz, uma campainha, as galhetas vasias e as chaves da igreja.

No Missal actual não se mencionam estes objectos.

A propósito lembramos que no Rito Mozárabe conforme o *Missale Mixtum* eram colocados na urna ou monumento de Quinta-feira Santa com o cálix contendo a Hóstia consagrada, os seguintes objectos do culto: uma cruz, um Missal ou a Bíblia, um turíbulo sem brasas, uma naveta com incenso, e uma campainha. O monumento ou urna era fechada com duas fechaduras e eram postos dois selos de cera vermelha.

Tudo isto foi depois proibido pela Santa Sé bem como os selos na urna de Quinta-feira Santa, etc. Nada se poderá meter na urna com o SS. Sacramento.

na mão de fora e movendo-se sempre até que os Triples acabarem o seu cântico, e parando logo que os músicos ou cantores lhe responderem. Acabando os músicos o seu canto e principiando os Típles outra vez os **Heus** sairão outros dois eclesiásticos etc.»

«Quando os dois últimos eclesiásticos estiverem para sair o Celebrante indo ao Altar incensará o SS. e logo quatro sacerdotes pegando no Tumulo se irão meter debaixo do Pálio e se formará a Procissão da forma seguinte: Primeiramente irá adeante a Irmandade da Misericórdia (aonde a houver), ou outra qualquer, depois os eclesiásticos dois a dois com tochas acesas, seguir-se-ha o côro dos musicos e logo atrás os dois Típles dos **Heus**, os dois Turiferários e ultimamente o Pálio... atrás do Pálio irão os Ministros Sagrados, *unus post alium* sendo o ultimo o Celebrante todos de Planêtas, cobertas as cabeças com amitos e as mãos levantadas, e todos os Eclesiásticos irão com as cabeças cobertas com as sobrepelizes.» (32)

«Nas Cathedrais e Colegiadas, irão os Cónegos com as caudas dos mantos soltas, e com os capêlos nas cabeças e a Procissão se fará por dentro da Igreja até ao lugar do sepulcro; este estará ornado de preto com Cêra branca (33). E sendo o mesmo Altar do Ofício, se ornará enquanto se faz a Procissão. Tanto que a Procissão chegar à capela do Sepulcro se colocará o Tumulo sobre o Altar ou lugar competente,

(32) Só por costume imemorial isto pode continuar. João Campello de Macedo — *Thesouro de Cerimonias*, na edição de 1657 já diz falando do Rito Romano: «*e todos asi Eclasticos como seculares irão cobertos*».

(33) Julgamos que a cera branca será por se tratar do SS. Sacramento.

com a abertura para o lugar donde se ha de tirar o Vaso no Domingo da Ressurreição, e feito o turíbulo, o Celebrante incensará o SS. *De More* e inclinado com os Ministros, dirá em voz medíocre, mas inteligivel descendo de fá a ré os seguintes V. **In pace factus est locus ejus: R. et habitatio ejus in sion: V. caro mea. R. Requiescent in spe. V. In pace in idipsum. R. Dormiam et requiescam.**

«Dito o que, se prostarão todos por terra, excepto os músicos, e se abre a cortina que está na entrada da Capela cerrada, enquanto anda a Procissão e os cantores cantarão o **Sepulto Domino**; acabado este permanecem todos ainda prostrados por terra por tempo de um *Credo*, e levantados feitas as devidas reverências, se retirarão à sacristia.

Note-se que todos, que passarem por diante do Altar Mór hoje e no dia seguinte até a Procissão da Ressurreição, devem ajoelhar à Cruz com ambos os joelhos por Decreto da S. C. dos R. e é a mesma pratica da Chatedral.»

Conforme dissemos atrás esta Procissão só pode ser feita incorporada nas cerimónias deste dia e é conhecida por **Procissão Theofórica**.

À noitinha é costume fazer com toda a solenidade pelas ruas da cidade de Braga a Procissão do Enterro com a imagem do Senhor Morto, conforme se faz em todo o Portugal e a seguir se indica.

PROCISSÃO COM A IMAGEM DO SENHOR MORTO

O que há a preparar

Na sacristia:

Preparar-se-ão os paramentos sagrados para os sacerdotes: Amito, alva, estola e pluvial preto para o celebrante; amitos, alvas e planetas plicadas para os Ministros; amitos, alvas, estolas e casulas pretas para os quatro sacerdotes que hão-de levar o Tumbinho (34); barretes para todos se cobrirem e livros para se cantarem os **Heus**, os versículos e a Oração para a cerimónia da Tumulação. Turíbulo e naveta. Desta será tirado o incenso vulgar e substituído por um especial chamado *Benjoim* ou *Beijoim* (35). Opas pretas com capuz para

(34) Fr. Veríssimo dos Mártires no seu *Director Ecclesiastico* diz: «Para os que levarem o feretro casulas negras, sem serem plicadas, por serem paramentos conducentes, aos que levam imagens, ou reliquias em Andor debaixo do Pallio, em falta de casulas, não se usará de Alvas senão de cotas com estolas negras».

(35) Sobre isto julgo bem contar o que me aconteceu e por onde se vê como os costumes se vão perdendo. Em criança, na minha terra natal, sempre me impressionou o perfume do incenso do Enterro do Senhor. Era um aroma muito especial que o meu olfato não notava nas outras cerimónias. Nos meus primeiros anos de seminarista também o notava na Sé-Catedral de Faro. Depois isso desapareceu. Vim para a vida paroquial e quis saber o que seria que se usava nessa ocasião, Seria o Bál-

os leigos que vão na Procissão e velas de cera amarela que indica luto (36) e uma Cruz Grande sem imagem e sem título, com uma toalha dobrada em forma de M, ou colocada ao natural sobre os braços da Cruz (Est. 6).

Num lugar cómodo se porá o Pálio preto ou roxo e as lanternas preparadas com cera amarela.

A imagem do Senhor Morto será colocado em um Ataúde o mais artístico possível, deitada sobre um pano de seda roxa e da mesma cor será o coxim da cabeceira. Como diz Fr. Veríssimo dos Mártires (37): «A dita imagem irá envolta em um lençol, por quanto depois que desceram o Sagrado-Corpo de Cristo da Cruz, se pôs logo sobre o lençol, onde foi ungido, e assim ungido, foi colocado o Corpo Deífico em feretro, para o levarem ao sepulcro (Est. 7). Contudo, como todas as imagens, que são levadas em Procissão devem ir descobertas, não será erro que posta a sagrada imagem no feretro, sem ainda ser coberta com lençol, se cubra por decencia sómente com veo rôxo transparente; (não negro nem branco) porque assim como ao defunto sacerdote deve ser armado o corpo com paramentos rôxos, como determina o Rit. de Paulo V, com mais razão se deve armar de rôxo o Sumo Sacerdote Cristo Nosso Redentor.»

Segundo os Cerimoniais antigos: «Onde não houver Pálio, se porá por cima do feretro docel de côr negra:

samo? Seria a Mirra? Fui a uma Farmácia e comprei estes produtos. Fiz várias composições e nada consegui. Finalmente ao contar este caso a um farmacêutico ele disse-me que talvez fosse o incenso de Java: *Benjoim*. Notei então que era isso mesmo. Um sacerdote já idoso confirmou esta praxe que se usava antigamente para lembrar os aromas com que embalsamaram o corpo de Nosso Senhor.

Julgo que se não deve perder este costume.

(36) Fr. Veríssimo dos Mártires, *idem*, e Coer. Ep.

(37) *Director Ecclesiastico*, 1755,

e não sendo levado por sacerdotes em hábito coral, o poderão levar *Seculares em habito de Irmandade*.» (38).

O véu que cobre o Tumbinho deve ser tão grande que as quatro pontas cubram a cabeça daqueles que o levarem. Estará colocado sobre uma mesa decentemente forrada de preto ou de roxo.

Em certas terras é costume estar a imagem do Senhor Morto algumas horas antes da Procissão, no meio da igreja, para que os fiéis a venerem. Para isso haverá uma armação própria onde se sustentam as varas do Pálio e as lanternas que estarão acesas com cera amarela e que serão oito (Est. 8).

Também na sacristia ou no lugar de onde sair a Procissão se hão-de preparar os andores com as imagens que acompanharão o Senhor Morto: Nossa Senhora da Soledade, S. João Evangelista e Santa Maria Madalena.

Querem os A. A. dos Cerimoniais antigos que Nossa Senhora da Soledade vá vestida «*de branco e manto azul e nunca de preto nem de rôxo*» (39). Baseiam-se para isto num Decreto da S. C. R. a que se refere Piton. Parece-nos que isto será ou por causa desta Procissão ser feita a princípio com o SS. Sacramento ou por se considerar que o luto no Oriente não é o preto. No entanto, no nosso inquérito feito em todas as Dioceses de Portugal não tivemos conhecimento de uma única freguesia sequer onde isto se fizesse. No Norte do País Nossa Senhora costuma ir de roxo, no Sul

(38) Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento — *Directorio Sacro*, 1794; Fr. Veríssimo dos Mártires, *idem*, etc. etc.,

(39) Fr. Veríssimo dos Mártires — *Director Ecclesiastico*; Fr. António de S. Luiz — *Mestres de Cerimónias*, etc.

e principalmente no Algarve vai sempre vestida de preto (40).

Se a Procissão sai da igreja da Misericórdia ou esta Irmandade nela toma parte há que preparar as lanternas e as velas que os irmãos hão-de levar, todas de cera amarela, os balandraus com seus capuzes, etc.

Há o costume nalguns lugares de espalhar rosmarinho pela igreja o que dá ao templo com o seu perfume característico um ar muito especial (41).

Também se prepararão as Bandeiras ou Painéis da Misericórdia, as lanternas que irão ao lado de cada Painel e que nesta Procissão irão deitados, e serão avisados os irmãos que os hão-de conduzir.

Os Painéis vão deitados não só em sinal de luto, mas por um simbolismo especial. Dissemos quando tratámos da Procissão de Quinta-feira Santa à noite, que os Painéis representavam a Paixão do Senhor.

(40) Procurámos o referido Decreto e não conseguimos encontrá-lo. Lemos com atenção o que Cavallieri diz sobre este assunto e parece-nos que ele é de opinião contrária pois que comentando o Decreto X da S. R. C. de 21 de Março de 1744: «*Permitti potest, ut Statua B. V. M. velo nigro circumdata, in nocte feriae V in coena Domini cum Jesu Domino Filio mortuo in gremium deposito in Ecclesia exponantur, et sequenti feria sexta in mane processionaliter cum pluvialibus nigris deferatur*», ele diz «o hábito negro está aprovado pela Bulla de Inocência VIII, na qual se declara que o hábito desta cor da Ordem dos Servos foi tomado, piz-se aí, em memória das Dores que a Bemaventurada Virgem passou na morte do seu Filho».

Depois procurando dar razão ao *Permitti posse usa fuit*, da S. R. C. acrescenta: «Que a Mãe de Deus vá vestida de preto no funeral do seu Filho pode tolerar-se e até mesmo permitir-se pois que a própria Igreja, em tais circunstâncias celebra com paramentos pretos a morte de Cristo».

(41) Dr. Amadeu C. Mora — *Esboço Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Pombal*. Igual costume está espalhado em muitas freguesias principalmente no Algarve. Não se deve deixar perder...

Como tal deviam ir levantados para que os fiéis se movessem à compaixão pelos martírios do *Homem Deus*. O mesmo se deve observar em Sexta-feira da parte da manhã.

Em quase todas as freguesias onde a Misericórdia toma parte nas cerimónias é costume a Irmandade sair da sua igreja com os Painéis para fazer a Adoração da Cruz na Igreja principal. Quando, no Sermão do Enterro, se batia com força a tampa do sepulcro, em comemoração do terramoto que se deu por ocasião da morte de Cristo, os Painéis eram deitados todos ao mesmo tempo para lembrar que, com o **Consumatum** est do Crucificado, estavam consumados todos os martírios do Salvador e estava redimida a humanidade. Terminaram os martírios da Paixão de Cristo agora só reina o luto pela morte do Pai que dedimiu os filhos com o Seu próprio sangue.

Deve, pois, observar-se o seguinte: os Painéis figuram erguidos até à leitura da passagem da Paixão: «**Et inclinató cápita trádedit spíritum**» que lembra a morte de Nosso Senhor. Ou até qualquer outra comemoração da morte do Salvador. Depois disto figuram sempre deitados mas só neste dia (Est. 9).

É tradicional levar nesta Procissão os Martírios de Nosso Senhor. São conduzidos por crianças vestidas de anjos ou de outras figuras bíblicas. A mais completa descrição que encontrámos sobre o assunto foi a de Fr. Veríssimo dos Mártires que, para não lhe tirar o gosto da época em que foi feita, aqui transcrevemos (42):

«256 — *Donde se levarem as insignias do Enterro e morte de Cristo Nosso Senhor por anjos, se continuará por ser louvavel;*

(42) *Director Ecclesiastico*, 1755.

e os levarão por ordem a saber, a esponja, e o Titulo, a corôa pegando-se nela com veo pequeno, assim também os cravos, torquez, e martello, ultimamente a escada.

257 — Donde, porem se usar de figuras, estas devem ir trajadas, segundo o que executou a tal acção, que a insignia mostra. A primeira figura deve ir vestida à mourisca, com a esponja na mão direita; porque esta foi a primeira que na Cruz servio de Martirio a Cristo. A segunda figura deve ir trajada como militar, com a lança na mão direita, porque depois de espirar, he que o soldado Languinho lhe feriu o peito. A terceira deve levar traje de Profeta, com o titulo na mão direita; porque este foi o primeiro, que José de Arimathea, e Nicodemos despregarão da Cruz. A quarta deve levar o mesmo traje, com a Corôa de espinhos porque foi a segunda que da mesma sorte obrarão entregando-a ao Amado João, para a dar a Senhora; esta mesma deve levar os cravos, por não acumular outra figura, A quinta figura deve figurar ahum dos criados, o qual deve levar a torquez. A sexta da mesma forma com o martelo. A Sétima deve ir segundo as duas ultimas com a escada na mão direita inclinada ao hombro, como os criados dos Profetas as traziam. Todas as sobreditas figuras devem ir, huma depois da outra, repartidas pelo meio da Irmandade.

258 — Havendo de ir a insignia da Verónica, a figura que a levar, deve ir adiante das demais, porquanto esta acção se obrou no caminho do Calvário. Deve ir vestida de Padeira de côr parda com toalha pela cabeça. A qual figura a póde mostrar ao povo, as vezes que parecer cantando: **O vós omnes** como adeante se mostra, e não he justo que huma das Marias mostre a Verónica, porquanto esta acção pertence á figura da Padeira,

259 — Tambem havendo de ir figuras que representem as Marias, não será desacerto sejam tres, ainda

que eram muitas as mulheres, contudo entre elas diz o texto, era Maria Madalena, Maria Jacobi e Maria Salomé, irão vestidas de rôxo, e cobertas com mantos soltos tambem roxos, com diademas, devem ir atraz do Celebrante em linha reta, diante do andor da Senhora, como acompanhando-a.

260 — Assim tambem junto ao dito andor da Senhora pode ir a figura de S. João Evangelista vestido de vermelho e capa verde, diadema na cabeça levará um livro na mão esquerda encostado ao peito e uma pena na mão direita (pela paixão que escreveu). Pode ir outra figura que represente a Madalena vestida honestamente com hum vaso de aromas na mão esquerda e um lenço na direita tambem com diadema na cabeça. O Evangelista da parte Direita e a Madalena da esquerda, como se estivesse o Evangelista à cabeceira e a Madalena aos pés.»

Na igreja onde a Procissão recolher:

Prepare-se uma semelhança de sepulcro onde a Sagrada Imagem será sepultada no fim da Procissão. Se o houver já feito, num altar próprio, o que acontece em quase todas as freguesias, utilize-se esse. Se não for possível, prepare-se um altar, sem frontal nem toalhas, que poderá ser o Altar-Mór, sobre o qual depois da Procissão será colocada a imagem do Senhor Morto como se fosse sepultado. Neste caso se porá ao lado um grande pano de veludo ou seda preta ou roxa para com ele cobrir a imagem depois da cerimónia (43). Também estarão preparados seis castiçais ou tocheiros com cera amarela para ficarem acesos diante da imagem ou do Túmulo depois da cerimónia.

(43) José Maria de Azevedo Moura — *Officio da Semana Santa.*

Não fazemos menção de certos costumes particulares que existem em diferentes lugares porque seria muito extenso e sem proveito, visto que tais costumes são de conservar ou de corrigir conforme o princípio apontado: *«Tudo se faça de forma a tornar esta Procissão o mais parecido possível com o cortejo que acompanhou o Corpo do Senhor para o Sepulcro.»*



«E tomando José o corpo, o amortalhou em um lençol limpo. E o depositou no seu sepulcro novo que tinha sido aberto na rocha».

(S. Mateus, Cap. XXVII, 54)

ORGANIZAÇÃO

A hora marcada os sacerdotes paramentam-se conforme as funções que têm que desempenhar.

Se o Senhor Morto for levado por sacerdotes, estes tomam o amito, a alva, a estola e a casula e o barrete eclesiástico com que se cobrirão. O Subdiácono com amito, alva e planeta plicada preta, o Diácono da mesma forma mas com a estola atravessada, como é costume; o Celebrante com os mesmos paramentos levando a estola cruzada e pluvial preto. Se não houver planetas e pluvial preto irão todos de alva levando o Celebrante estola preta cruzada sobre o peito e o Diácono atravessada. Irão todos cobertos com o barrete.

A Procissão será organizada e caminhará com a seguinte ordem: Irmandade da Misericórdia, o Vice-Provedor ou o Andador com a matraca, o Escrivão com a sua vara; um irmão com a bandeira principal da Misericórdia (Bandeira Real); dois irmãos com lanternas aos lados; outro irmão com a Cruz da toalha, representando a Cruz em que Cristo Nosso Senhor morreu e as toalhas com que foi descido da Cruz; dois irmãos com lanternas à Cruz; em duas alas segue a Irmandade levando tochas ou velas acesas, de cera amarela e com a cabeça coberta com o capuz do balandrau ou da opa. No meio das alas seguem os Painéis deitados e conduzidos por três irmãos: um pegando na baste, e os dois segurando com uma das mãos a parte superior do Painel e com a outra a lanterna.

Os Painéis seguem pela ordem que lhes pertence. Vão depois os martírios do Senhor como atrás se indicou; o coro de cantores; um ou dois turibulos e o Tumbinho debaixo do Pálio com oito lanternas dos lados. Segue depois o Clero, o Celebrante e seus Ministros, os andores de Nossa Senhora e S. João no meio das alas dos devotos. Os andores levarão duas ou quatro lanternas cada um.

Formada a Procissão os sacerdotes que levam o Tumbinho cobrem-se com os barretes pegam nele e colocam a ponta do véu sobre o barrete de forma a cobrir a cabeça. Se não houver sacerdotes para isto, quatro irmãos de opas pretas cobrem a cabeça com o capuz, pegam no Tumbinho e põem por cima do capuz a ponta do véu. (Est. 10)

O Celebrante no meio dos seus Ministros vem da sacristia, descobre-se, «faz incenso (que neste caso será com benjoim) com bênção mas sem ósculos, incensa a imagem com tres ductus, ajoelhando antes e depois com os seus Ministros (44).

Cobrem-se com os barretes e a Procissão segue muito vagarosamente. Entretanto os cantores começam a entoar com tom muito sentimental e lamentável:



Todos repetem o mesmo.

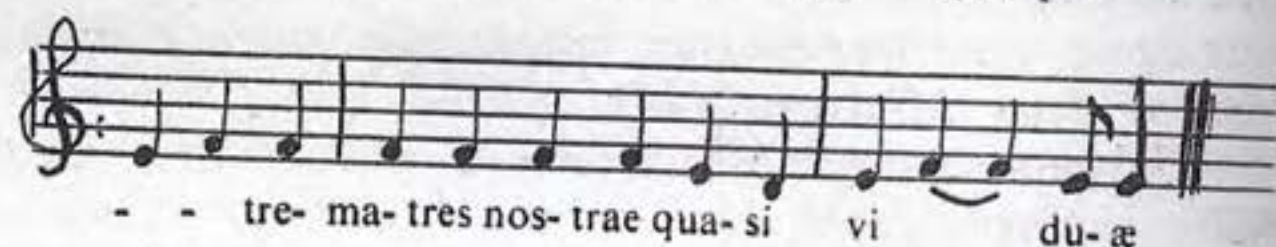
(44) Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento — *Directório Sacro*.

Cantores:



Respondem todos: "Heu, Heu Domine, etc. como acima.

Cantores:



Todos:

"Heu, Heu Domine, etc.

Cantores:



Todos:

"Heu, Heu Domine, etc.

Eis a tradução destes motetos:

Heu, Heu, Domine, Heu,
Salvator Noster.

Ai! Ai! Senhor, Ai!
Salvador Nosso!

Todos respondem o mesmo:

Heu, Heu, Domine, Heu,
Salvator Noster.

Ai! Ai! Senhor, Ai!
Salvador Nosso!

Depois voltam a cantar os Cantores:

*Haeréditas nostra versa
est ad aliénos: domus
nostrae ad extráneos.*

*A nossa herança pas-
sou para o poder de estra-
nhos, as nossas casas são
hoje propriedade de desco-
nhcidos.*

Respondendo todos novamente:

Heu, Heu, Domine, Heu,
Salvator Noster.

Ai! Ai! Senhor, Ai!
Salvador Nosso!

Os cantores:

*Pupili facti sumus absque
patre, matres nostrae quasi
viduae.*

*Ficámos órfãos de Pai,
e nossas mães como viú-
vas.*

Todos:

Heu, Heu, Domine, Heu,
Salvator Noster.

Ai! Ai! Senhor, Ai!
Salvador Nosso!

Cantores:

*Aquam nostram pecúnia
bibimus: ligna nostra
prétio comparávimus.*

*Coprámos a nossa
água, e até a lenha que
nossa era só com dinheiro
a podemos ter.*

Todos:

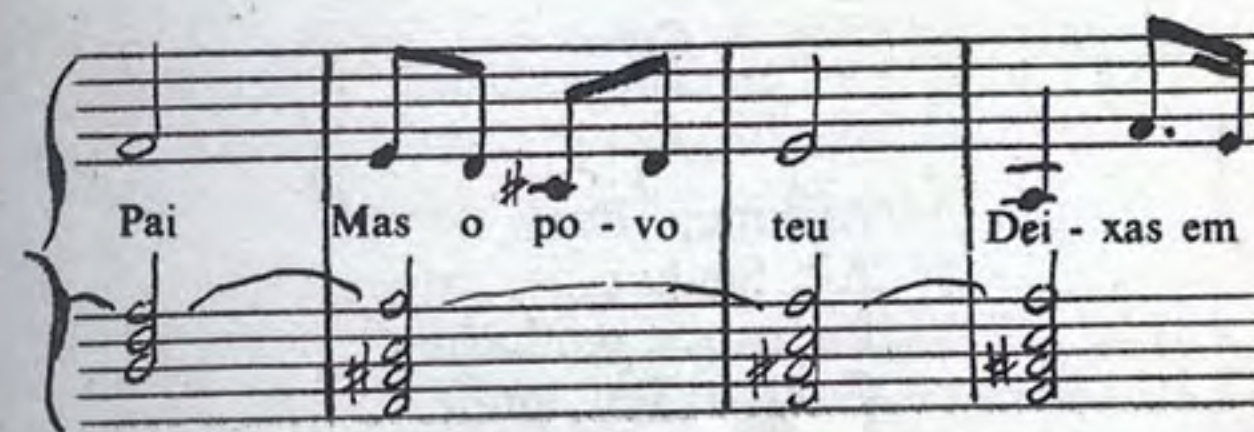
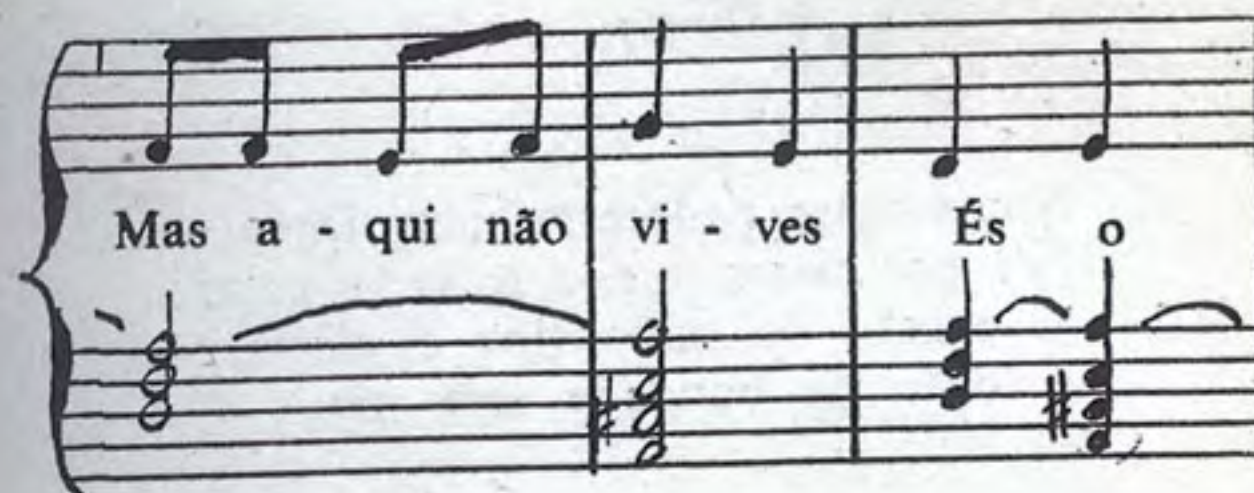
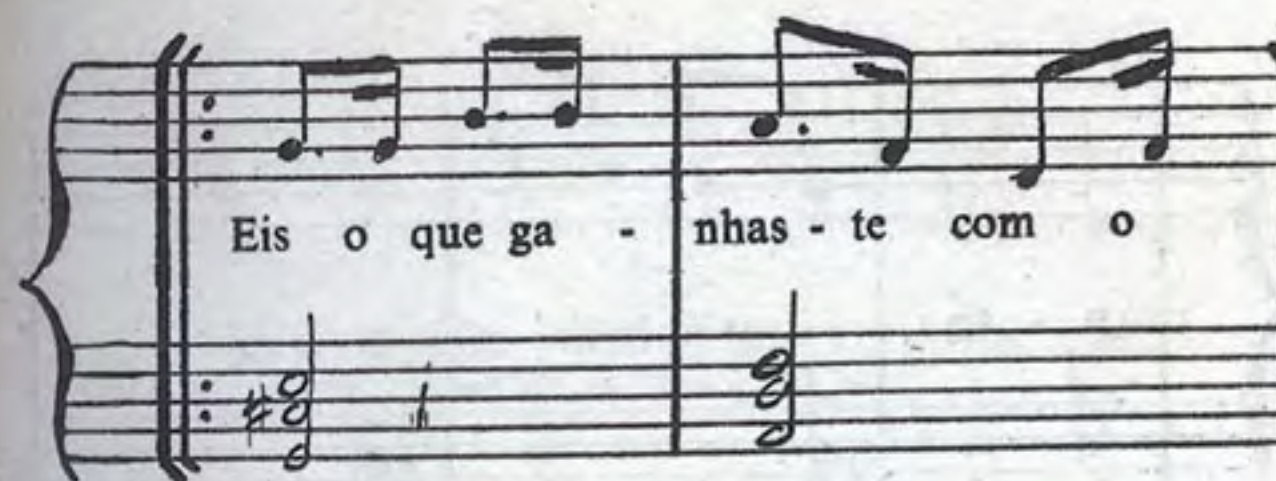
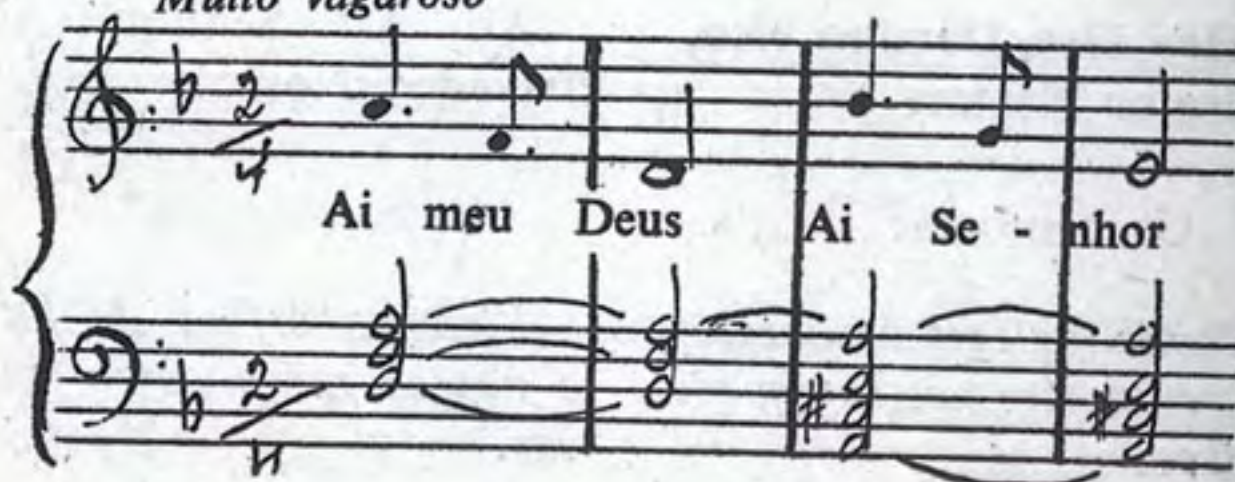
Heu, Heu, Domine, Heu,
Salvator Noster.

Ai! Ai! Senhor, Ai!
Salvador Nosso!

**Também se pode cantar durante a Procissão
o seguinte cântico que é:**

Lamentos para a Procissão do enterro do Senhor.

Muito vagaroso





I

Numa cruz padeceste meu Deus
Foi por nosso amor todo o pesar
A paixão de maior luz e glória,
A lição de bondade sem par.

Coro

Ai! meu Deus
Ai! Senhor
Eis o que ganhaste
Com o Teu amor.

II

Tua Mãe Santa recebe chorosa
A mensagem do Teu puro amor
Que faz dela Mãe mui carinhosa
De qualquer pobre e fraco pecador.

Coro

Ai! meu etc., etc.

III

Quando Teu corpo inerte desceu
Ao sepulcro, naquela visão
Tua Mãe sentiu dura agonia
Trespassar todo o seu coração.

Coro

Ai! meu etc., etc.

IV

Densas trevas cobriram a terra
Após tão doloroso amargor
Frio, inerte, aqui já não vives
Rei do mundo e Nosso Senhor. (1)

(1) Em procissão que leve Banda de música será muito aconselhável que esta acompanhe os fiéis tocando a partitura que adiante publicamos. Isto será de grande efeito e sentido cristão.

Conforme um costume muito espalhado em Portugal em muitas freguesias a figura da Verónica ao mostrar o pano com o rosto do Senhor canta o seguinte responsório:

O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, et videte is est dolor similis sicut dolor meus.

Attendite, universi populi, et videte dolorem meum.

Si est dolor similis sicut dolor meus.

Ó vós todos, que passais pelo caminho, parai e vede se há dor semelhante à minha.

Povos todos da terra, considerai a minha dor e vede.

Se há dor semelhante à minha (45).

E a Procissão vai seguindo muito vagarosamente.

Como atrás se disse o Tumbinho com o Senhor Morto irá debaixo do Pálio pelo Decreto da S. R. C. 3804 de 16-VI-1893.

O Celebrante ou o que preside irá atrás do Tumbinho coberto com o barrete eclesiástico e sendo o Prelado com a capa magna e o capuz de arminho pela cabeça (46). Isto tem um significado especial.

(45) Lembro-me ter várias vezes ouvido ao sr. D. Marcelino que este costume estava proibido. Embora não conheça decreto nenhum a tal respeito, parece não estar de acordo com a doutrina da Igreja que não permite «solos» senão ao celebrante nem com a natureza dos responsórios, além de que raramente terá aquele seriedade que edifica.

(46) Isto foi determinado pela Sagrada Congregação dos Ritos por Decreto de 28 de Outubro de 1628: «*Episcopus in publicis processionibus cum cappa, et birreto, non inter dignitates, sed solus incedere debet. Quod si deferatur aliqua imago, seu reliquia, ipse cum cappa, et birreto debet incedere post imaginem, seu reliquiam, nisi adsit consuetudo in contrarium.*»

Cavalieri — *Commentaria in authentica Sacrae Rituum Congregationis Decreta*. Tomo IV, cap. XVIII, pág. 158.

D. Andrea Piscara Castaldo no seu *Praxis Caeremoniarum*

Como manda a Liturgia Bracarense, o Prelado irá neste dia como que em triste abandono atrás do Ataúde do Senhor (47).

Nalguns lugares tem-se introduzido ultimamente o costume de ser conduzido, debaixo do Pálio, o Santo Lenho. Não nos parece bem e nem conforme com o o espírito desta Procissão. Ainda que a condução da Santa Relíquia não repugne à comemoração que fazemos, no entanto, por se tratar de uma Procissão especial e dado o dia em que se realiza não deve ela ir debaixo do Pálio reservando-se este para cobrir o Tumbinho do Senhor, como sempre preceituaram todos os Cerimoniários.

Muito menos se deve dar a bênção com a Relíquia no fim da Procissão. As bênções, nestes três últimos dias da Semana Santa devem ser suspensas, bem como o uso dos sacramentais. Por tal motivo se tira a água benta das pias, etc., etc. (48).

em que ele descreve as cerimónias das Catedrais e até mesmo da Capela Papal, conforme as decisões da Sagrada Congregação, diz, tratando de Sexta-feira Santa, que o Bispo sempre que não celebre segundo o Pontifical irá como para as Matinas da féria IV. A pág. 428, n.º 14, diz sobre Trevas: «*In Cathedralibus omnibus, ut supra paratis in Altari, Episcopus hora congrua accedit cum Cappa ad Ecclesiã sequentibus Canonicis, & ingrediens caput sibi Caputio Cappae cooperit, & si fuerit Archiepiscopus, his tribus diebus ad Matutinum ante eum Crux non deferat.*».

E acrescenta depois: «*Romae in Capella Papali: ad Matutinum procedit Pontifex ante omnes Cappa indutus rubea cum caputio super caput inverso.*».

(47) Guia Litúrgico da Semana Santa — União Gráfica, 1956.

(48) Fr. Joan de S. Joseph do Prado — *Semana Santa Regulada*, 1743; P.º Torrecill; Castaldo, em *Praxis Caeremoniarum*, a cima citado, tratando de Sexta-feira Santa, a pág. 448, N.º 10, diz: «*Nulli hac die Episcopus benedicit, neque ab aliquo osculum manus recipit, sed nec ipse textum Evangelii osculatur, neque incensatur, ut alias.*».

Chegada a Procissão à igreja onde se fará a cerimónia da tumulação, o Tumbinho com o Senhor Morto segue debaixo do pálio até ao lugar do sepulcro ou do altar onde se vai executar a cerimónia. O pálio retira-se para a sacristia e os que conduzem o Senhor Morto avançam com o Tumbinho, colocam-no sobre o supedâneo do altar de forma que a cabeça da imagem fique para o lado do Evangelho. Aproxima-se o Celebrante com os Ministros Sagrados, põem-se todos de joelhos. Dois dos que conduzem o Tumbinho pegam na imagem um nos pés e outro na cabeça, elevam-na muito vagarosamente, por três vezes de forma a ser vista e venerada por todo o povo e colocam-na no lugar onde há-de ficar: se houver túmulo, a colocam aí; caso contrário, em cima do altar ou sobre a banquetta (Est. 11).

O Celebrante faz incenso (que neste caso será com benjoim) e incensa por três vezes a imagem como o fez no princípio da Procissão e entoia com voz suave e lamentável, descendo do *Fá a Ré* e voltando a *Fá* os seguintes responsórios:

Celebrante: Aestimatus sum;

E o coro: Cum descendéntibus in lacum, factus sum sicut homo sine adjutorio inter mórtuos liber.

Celebrante: Sepúlto Dómino;

E o Coro: Signátum est Monuméntum, volvéntes lápidem ad óstium Monumenti, penéntes mílites, qui custodírent illud.

Celebrante: Fui igualado;

E o Coro: Com os que descem ao lago do Sepulcro. Fui feito como um homem sem auxílio, mas livre entre os mortos.

Celebrante: Sepultado o Senhor;

E o Coro: Fechou-se o Monumento, encostando-lhe à porta uma pedra e ponto-lhe soldados que o guardassem.

Celebrante: V. In pace factus est.

Coro: R. Locus ejus.

Celebrante: V. In pace in idípsum.

Coro: R. Dórmiam, et requiéscam.

Celebrante: V. Caro mea.

Coro: R. Requiéscet in spe.

Oremus

Domine Jesu Christe, qui hora diei ultima de Cruce depósitus, in brachiis tuae Sanctissimae Matris, ut pié créditur, reclinátus fuisti: cujus ánimam mortis tuae gládus pertransívit; quique post matérnos amplexus, et amáros, ac lacrimósos singúltus in Sepulcro reclusus tríduo quievísti: concéde, ut qui tuam recólimus Passiónem, ipsi, devíctis hóstibus, ab insántibus malis, et à morte perpérua liberémur. Qui

Celebrante: V. Formou-se na Paz.

Coro: R. O seu lugar.

Celebrante: V. Na paz com ele mesmo.

Coro: R. Dormirei e descansarei

Celebrante: V. A minha carne.

Coro: R. Descansará na esperança.

Oremos

Senhor Jesus Cristo, que deposto da Cruz na última hora do dia, fostes reclinado (como piamente se crê) nos braços de Vossa Santíssima Mãe, cuja alma penetrou a espada da Vossa morte; e que depois dos maternos abraços e amargos e lacrimosos soluços, descansastes por três dias encerrado no Sepulcro: concedei propício, que os que recordamos a vossa Paixão, vencidos os nossos inimigos, sejamos livres de

vivis, et regnas in saecula
saeculorum.

R. Amen.

todos os males, e por
último da eterna morte.
Vós, que viveis e reinais
pelos séculos dos séculos.

R. Assim seja.

Acabada a Oração ficam em silêncio durante algum tempo meditando na morte e enterro do Nosso Redentor (Est. 12) e por fim fecha-se a tampa do sepulcro ou, se não o houver, coloca-se sobre a imagem o pano de veludo ou de seda que estava preparado para isso. Todos se retiram em silêncio ou então se faz a *Procição do regresso de Nossa Senhora*.



*A S. S. Virgem abandona o sepulcro depois da
deposição do corpo de seu Bendito Filho*

PROCISSÃO DO REGRESSO DE NOSSA SENHORA

Será muito aconselhável que saia depois desta cerimónia para outra igreja uma Procissão com a imagem de Nossa Senhora e de S. João, como se fazia antigamente no Convento de Xabregas em Lisboa e ainda hoje se faz em Albufeira e noutros lugares (49).

É de um simbolismo encantador esta Procissão. Lembra ela o regresso de Nossa Senhora quando deixou o sepulcro e, pesarosa, triste e chorosa, veio para o cenáculo acompanhada por S. João.

À frente irá a abrir o cortejo uma cruz vulgar, depois as alas dos fiéis, no meio das quais seguirá o andor de Nossa Senhora e de S. João. Por fim os sacerdotes.

Logo que a Procissão se ponha em marcha se canta o seguinte:



Repetem todos o mesmo.

(49) Fr. Manuel da Conceição — *Manuale Seraphicum, et Romanum*, 1732.

Cantores:



Todos: Ora pro nobis, etc.

Cantores:



Todos: Ora pro nobis, etc.

E desta forma se cantam os versículos que se seguem.

Cantores:

Ora Pro nobis, Virgo
Dolorosissima.

Cantores:

Rogai por nós, Virgem
Dolorosíssima.

Todos:

Ora pro nobis, Virgo
Dolorosissima.

Cantores:

Stabat Mater Dolorosa
Juxta Crucem lacrimosa
Dum pendebat Filius.

Todos:

Ora pro nobis, Virgo
Dolorosissima.

Cantores:

Cujus animam gemén-
tem
Contristátam et dolén-
tem
Pertransívit gládus.

Todos:

Ora pro nobis, Virgo
Dolorosissima.

Todos:

Rogai por nós, Virgem
Dolorosíssima.

Cantores:

Estava a Mãe Dolorosa
Junto da Cruz chorosa
Donde pendia o Filho.

Todos:

Rogai por nós, Virgem
Dolorosíssima.

Cantores:

Cuja alma gemente
Contristada e dolente
Foi trespassada pela dor.

Todos:

Rogai por nós, Virgem
Dolorosíssima.

Cantores:

O quam trístis et afflícta
Fuit illa benedicta
Mater Unigéniti.

Todos:

Ora pro nobis, etc.

Cantores:

Quae maerébat et dolé-
bat

Pia Mater, dum vidébat

Nati poenas inclitti.

Todos:

Ora pro nobis, etc.

Cantores:

Quis est homo, qui non
fleret,

Matrem Christi si vidé-
ret

In tanto suplício?

Todos:

Ora pro nobis, etc.

Cantores:

O quão triste e aflita
Se viu a sempre bendita
Mãe do Nosso Reden-
tor.

Todos:

Rogai por nós, etc.

Cantores:

Doía-se e chorava

A Pia Mãe, enquanto
via

As penas do seu inclito
Filho.

Todos:

Rogai por nós, etc.

Cantores:

Quem não chorará

Vendo a Mãe de Cristo

Em tão grande Suplí-
cio?

Todos:

Rogai por nós, etc.

Cantores:

Quis non posset con-
tristari
Christi Matrem con-
templari
Dolentem cum Fílio?

Todos:

Ora pro nobis, etc.

Cantores:

Pro peccátis suae gentis
Vidit Jesum in tormén-
tis,
Et flagéllis súbditum.

Todos:

Ora pro nobis, etc.

Cantores:

Vidit suum dulcem
natum
Moriéndo desolátum,
Dum emísit spiritum.

Todos:

Ora pro nobis, etc.

Cantores:

Quem deixará de cho-
rar
Ao contemplar a Mãe
de Cristo
Sofrendo tanto com o
Filho?

Todos:

Rogai por nós, etc.

Cantores:

Por culpas do seu povo
Viu Jesus em tormen-
tos,
Submetido aos flagelos.

Todos:

Rogai por nós, etc.

Cantores:

Viu seu doce Filho
Morrendo desolado,
Quando exalava o úl-
timo suspiro.

Todos:

Rogai por nós, etc.

Cantores:

Eja Mater, fons amóris,
Me sentíre vim doloris
Fac, ut tecum lúgeam.

Todos:

Ora pro nobis, etc.

Cantores:

Fac, ut árdeat cor
meum
In amándo Christum
Deum
Ut sibi compláceam.

Todos:

Ora pro nobis, etc.

Cantores:

Sancta Mater, istud agas
Crucifíxi fige plagas
Cordi meo válide.

Todos:

Ora pro nobis, etc.

Cantores:

Ó Mãe, fonte de amor,
Sentindo a força da dor
Fazei que chore con-
vosco.

Todos:

Rogai por nós, etc.

Cantores:

Fazei que o meu cora-
ção arda
Amando Cristo Deus
Para lhe agradecer.

Todos:

Rogai por nós, etc.

Cantores:

Santa Mãe fazei-me isto
Gravai as chagas do
Crucificado
No meu coração forte-
mente.

Todos:

Rogai por nós, etc.

Cantores:

Fac me tecum pie flere,
Crucifixo condolére
Donec ego víxero.

Todos:

Ora pro nobis, etc.

Cantores:

Fazei que Convosco
chore piamente
condoendo-me com o
Crucificado
Enquanto eu viver.

Todos:

Rogai por nós, etc.

Também se poderá cantar o seguinte cântico em português:



O - Mãi do - lo - ro - sa Ó mu-
lher cons - tante eu - cho - ro con
vos - co vos - so Fi - lh' amante

O povo repete o mesmo.

Cantores:


Es - ta - va cons - tan - te a Mãi
do - lo - rosa do seu dô - ce
Fi - lho junt' - à cruz cho - rosa

O povo repete: Ó Mãi dolorosa, etc.

E assim se cantam os versos que seguem.

I

Estava constante
A Mãe dolorosa
Do seu doce Filho
Junto à Cruz chorosa.

Coro

Ó Mãe dolorosa,
Ó mulher constante,
Eu choro convosco
Vosso Filho amante.

II

Chorava e gemia
Sem consolação;
Seu peito estalava
De dor e aflição

Coro

Ó Mãe etc., etc.

III

Tremia de dor
Do Verbo a Mãe santa,
Vendo o Seu amado
Posto em pena tanta.

Coro

Ó Mãe etc., etc.

IV

Que peito pudera
Logo não partir-se
Vendo Mãe tão pia
Com o Filho a afligir-se?

Coro

Ó Mãe etc., etc.

V

Oh! quanto triste e aflita
Consternada estava
A que todo o Céu
Bendita aclamava

Coro

Ó Mãe etc., etc.

Quando chegar à igreja onde houver o sermão da Soledade ou das Lágrimas de Nossa Senhora o Sacerdote que presidiu entoa, em voz lamentável o seguinte:

V. Dolorosa et lacrimabilis, es, Virgo Maria

R. Stans juxta crucem Domini Jesu Filii tui Redemptoris.

V. Stabat Sancta Maria, caeli regina, et mundi Domina;

V. Dolorosa e lacrimável fostes, Virgem Maria

R. Estando junto da cruz do Senhor Jesus teu Filho Nosso Redentor.

V. Estava Santa Maria, rainha do céu e senhora da terra;

R. Juxta crucem Domini Nostri Jesu Christi dolorosa.

V. O vós omnes, qui transitis per viam;

R. Attendite, et videte si est dolor sicut dolor meus.

O remus

Deus, in cujus passione, secundum Simeonis prophetiam, dulcissimam animam gloriosae Virginis, et Matris Mariae doloris gladius pertansivit: concede propitius; ut qui transfixionem ejus, et passionem venerando recolimus, gloriosis meritis, et precibus omnium Sanctorum Cruci fideliter astantium intercedentibus, passionis tuae effectum felicem consequamur. Qui vivis et regnas in saecula saeculorum.

R. Amen.

R. Junto da cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, dolorosa.

V. Ó vós todos que passais pelo caminho da vida;

R. Atendei e vede se há dor semelhante à minha.

O remos

Ó Deus, em cuja paixão a espada de dor profetizada por Simeão traspasou a dulcíssima alma da Virgem Maria vossa Mãe, fazei, por Vossa bondade que, venerando a lembrança de seu Coração traspasado e de suas cruelíssimas dores, possamos, pelos gloriosos méritos e intercessão de todos os Santos que ficaram fielmente ao pé da cruz, colhermos dignos frutos de Vossa Paixão. Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos.

R. Assim seja.

Segue-se o sermão findo o qual se poderá cantar novamente o cântico Ó Mãe Dolorosa.



PROCISSÃO DA RESSURREIÇÃO

OUTRA Procissão que se faz em todas as freguesias de Portugal e que se não encontra prescrita nas Rubricas do Missal Romano é a Procissão do Domingo de Páscoa. Ela, porém, está tão espalhada que poucas ou nenhuma freguesias a não fazem. Nalguns lugares ela tem foros de grande acontecimento. As ruas são juncadas, nas casas põem-se colgaduras e até as próprias velas das crianças e dos fiéis são floridas. É a Procissão das flores, como nalguns lugares lhe chamam.

O seu primitivo Rito: o da Ressurreição de Cristo, está em muitas partes perdido por falta de um livro por onde se sigam as cerimónias deste cortejo. Nalguns Processionários ou Rituais está ela reduzida a uma Procissão com o SS. Sacramento como a de *Corpus Cristi* (50). Alguns nem a ela se referem (51). No entanto tratando-se de uma comemoração especial da Ressurreição de Nosso Senhor há que haver qualquer circunstância que nos indique isso mesmo. Já quando criança nos impressionava o facto de nesta Procissão nada se cantar ou rezar que nos inculcasse

(50) *Processionale ac Rituale Romanum, Juxta Formam Ritualis Pauli V, et Benedicti XIV. M.DCCC III.*

(51) *Processionale Juxta formam Ritualis Romani Pauli V. M.DCCLXXVII; João Campello de Macedo — Thesouro de Cerimonias.*

a Ressurreição de Cristo. Com o tempo as coisas pioraram neste sentido pois os livros antigos rarearam e como se trata de uma Procissão com o SS. Sacramento procurou-se rodeá-la das prescrições litúrgicas que existem para tais cerimónias e mais nada. De próprio só tem, nalguns lugares, esta característica: «*Será feita logo de manhã antes da Missa. Antigamente era feita ao romper da aurora.*».

Nos inquéritos que fizemos a várias pessoas para a organização deste livro verificámos isto mesmo. Poucas são as freguesias onde ainda se cantam as antífonas, os versículos e as orações próprias.

Façamos pois em poucas palavras um resumo histórico desta Procissão.

Vimos já que ela foi trazida de Jerusalém pelo Padre Paulo de Portalegre, bem como a do Enterro do Senhor (52).

A Páscoa é a festa mais importante da nossa religião.

«*Sempre a Igreja a reputou como dia do Senhor por antonomásia dando-lhe o sagrado nome de Domingo.*» (56)

«*Haec dies, quam fecit Dóminus: exultémus et laetémur in ea.*»

«*Eis o dia que fez o Senhor: exultemos e alegremo-nos nele.*» (57)

Por isto foi considerado como o dia santificado dos Cristãos que abandonaram o costume que vigorava entre os Judeus de santificar o Sábado. A Liturgia não se contentou com solenizar esta festa com uma

oitava solene mas criou um tempo próprio: o **Tempo Pascal** que vai até à festa da Santíssima Trindade.

Do século VIII ao século X os oito dias que se seguiam à Páscoa eram todos santificados, segundo os Decretos de vários Concílios e Leis Imperiais. No século X foram os dias santificados reduzidos a três até que nos nossos dias foi abolido o preceito da abstenção do trabalho.

Em muitas igrejas celebravam-se várias cerimónias e Procissões ao romper da aurora, para comemorar a Ressurreição de Nosso Senhor, à imitação das três Marias que antes do nascer do sol foram ao sepulcro ungir o Corpo do Senhor.

Entre os Gregos e Orientais faz-se uma particular festa, que chamam «*Do Triunfo de Jesus Cristo*» e que consiste no seguinte: juntam-se todos na igreja pouco antes de apontar a aurora, e depois de algumas Orações e leituras cantam solenemente um cântico da Ressurreição. Durante ele o sacerdote oficiante beija a imagem de Cristo Ressuscitado dando-a logo a beijar ao mais digno da assembleia. Este por sua vez passa a imagem a outro e assim por diante. O que entrega a imagem diz: «**Jesus Cristo ressuscitou**», e o que a recebe, ao beijá-la, responde: «*Assim o creio*» (58).

Entre os cristãos do Ocidente há o costume de nos dias do tempo pascal ou pelo menos durante a oitava se saudarem mutuamente dizendo: «**Surrexit**

(58) Idem — *Directorio Sacro*.

Fr. Manuel da Conceição no seu *Ceremonial Serafico e Romano*, chama-lhe «*Solemnicas Solemnitatum*» e acrescenta: «*se porá no altar mór mais a cima do sacrário, huma imagem de Cristo ressuscitado com muitas luzes e vários ramalhetes e brincos. E todo o caminho por onde houver de passar a Procissão*

(52) P.^o Francisco de Santa Maria — *Ano Histórico e Diário Português*.

(56) Fr. Francisco de Jesus Maria — *Directorio Sacro*.

(57) Liturgia da Missa Da Ressurreição.

Dominus vere»: Ressuscitou o Senhor verdadeiramente; ao que o outro responde: «**Deo gratias**»: Demos graças a Deus.

Destes e doutros costumes resta-nos a *Procissão da Páscoa*

Para darmos um pouco da conexão ao nosso trabalho vejamos como antigamente se faziam os Ritos deste dia naqueles Mosteiros Beneditinos onde, conforme refere Marténe, se faz a **Deposição do Corpo de Cristo** (59).

«Depois do terceiro responsório um singular Rito se prescreve in *Concordia Dunstani* por estas palavras: (enquanto se recita a terceira lição quatro irmãos vestem-se, dos quais um vestido de alva entra e vai escondido ao lugar do sepulcro onde se senta quieto com uma palma na mão; enquanto se recita o terceiro responsório aproximam-se os tres do que está sentado, todos vestidos de capa e levando turibulos com incenso vêm ao lugar do sepulcro, como que procurando alguma coisa: faz-se isto à semelhança do Anjo sentado no sepulcro e das mulheres que vêm com aromas para ungir o corpo de Jesus: quando o que está sentado vê que os tres, como que iludidos, e procurando alguma coisa se aproximam começa a cantar em voz medíocre e suave; «**Quem queritis?**» (O que procurais?) Terminado isto respondem os tres numa só voz: **Jesum Nazarenum**», (Jesus de Nazaré),

estará limpíssimo, e cheio de ramos cheirosos, de tal maneira que tudo esteja mostrando alegria, prazer e glória.».

Em algumas freguesias do Algarve há uma pequena imagem do Senhor Ressuscitado que é costume expor no alto do trono no Domingo de Páscoa. Vimos isto desde criança e hoje ao lermos o *Ceremonial* de Fr. Manoel da Conceição compreendemos o motivo deste costume antigo.

(59) D. Edmundi Martene — *De Antiquis Monachorum Ritibus*, M.DC.LXXX.

aos quais ele responde: «**Non est hic; surrexit sicut praedixerat, ite nuntiate quia surrexit a mortuis**» (não está aqui ressuscitou como tinha anunciado, ide anunciai que ressuscitou dos mortos), *recebida a voz desta missão voltam-*

-se os tres para o côro dizendo: «Alleluia surrexit Dominus»: dito isto de novo o que está sentado como que chamando-os novamente diga a antifona: «Venite et videte locum», dizendo isto levante-se e erga o véu mostrando-lhes o lugar vazio e só ai posto o lençol em que estava envol-



vida a Cruz. Tendo visto isto colocam os túribulos no próprio sepulcro e tomando o véu o abrem em frente do Clero, como que mostrando que o Senhor ressuscitou e já não está ali envolvido, cantam então a antifona: «Surrexit Dominus de sepulcro»; colocando o véu no altar. Finda a antifona o Prior congregatulado-se pelo triunfo do Nosso Rei, que vencida a morte ressuscitou começa o hino: «Te Deum laudamus» começado o qual se tocam todos os sinos e depois de terminar o sacerdote diz

o versículo: «**In resurrectione tua Christe**», em voz baixa e começam as *Laudes* dizendo: «**Deus in adjutorium**».

Como este, vários Ritos nos descreve o mesmo autor.

Entre nós, temos para comemorar o Domingo da Ressurreição a Procissão do antigo Rito Bracarense e a do Rito Romano.

Vejamos em primeiro lugar a Procissão da Ressurreição segundo o Rito Bracarense.

No Domingo da Ressurreição chegados à capela do Sepulcro o Diácono tira do pescoço do Celebrante a chave do Túmulo e vai tirar o vaso, a Custódia ou o cális e coloca-o sobre o Altar. Abrindo o vaso ou o cális põe a Sagrada Hóstia na Custódia e o Celebrante incensa o SS. Sacramento. Dois cantores cantão os versículos como adiante se indica até «*Viso Dómino Alleluia*». O Celebrante dito o «*Oremus*» cantará a oração do Domingo de Páscoa: «**Deus qui hodierna die**». E a Procissão sai fora da Igreja indo adiante as Irmandades, o Crucífero com os ceriais, os Eclesiásticos con tochas acesas e no meio destes, dois sacerdotes paramentados com Dalmáticas, trazendo a Cruz que estava no altar-mór deitada sobre os braços e coberta com um véu branco e a seguir o Pálio com o SS. Sacramento.

Durante a Procissão canta-se a antifona: «**Regína coeli laetáre**» ou o «**Pange lingua gloriosa**». No final entoa-se os versículos **Gaude et laetare Virgo Maria. Alleluia.** E o **Quia surrexit Dominus vere; Alleluia.** O Celebrante recita a Oração: «**Deus qui per resurrectionem**» e dá a bênção com o SS. Sacramento. Faz-se o Asperges e segue-se a Missa.

Procissão segundo o Rito Romano

Organização

A hora marcada, antes da Missa solene, que deverá ser da parte da manhã, o Celebrante toma os paramentos: amito, alva, singulo, estola e pluvial branco. Se houver Ministros Sagrados estes tomam os paramentos das Missas solenes. Saem da sacristia processionalmente até ao altar do SS. Sacramento.

Aí estará tudo preparado para a Procissão. A cruz processional com os dois ceroferários, as Irmandades com as suas opas e suas velas, que podem ser floridas, o Pálio branco com as oito lanternas que o hão-de ladear e tudo mais que é costume preparar para as Procissões com o SS. Sacramento.

Nesta Procissão, como nas do SS. não é permitido levar imagens e nem os martírios do Senhor (60). Mas é permitido que vão algumas crianças vestidas de anjos com bandejas de flores para espalhar no caminho por onde a Procissão vai passar. O Ordinário do lugar também pode permitir que vão crianças vestidas de anjos com turíbulos incensando o percurso (61).

(60) D. António Coelho — *Curs. Liturg. R.*

(61) *Idem.*

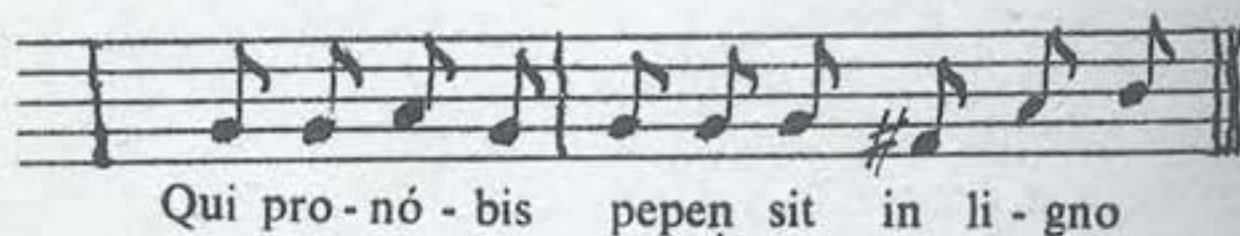
Tendo chegado ao Altar o Diácono abre o Sacrário e coloca a Custódia sobre o Altar. Se não houver Diácono o Celebrante executa as cerimónias com os seus acólitos. Incensa o SS. Sacramento conforme o costume e começa a cantar os seguintes versículos:

Celebrante ou dois cantores:



Repetem todos o mesmo.

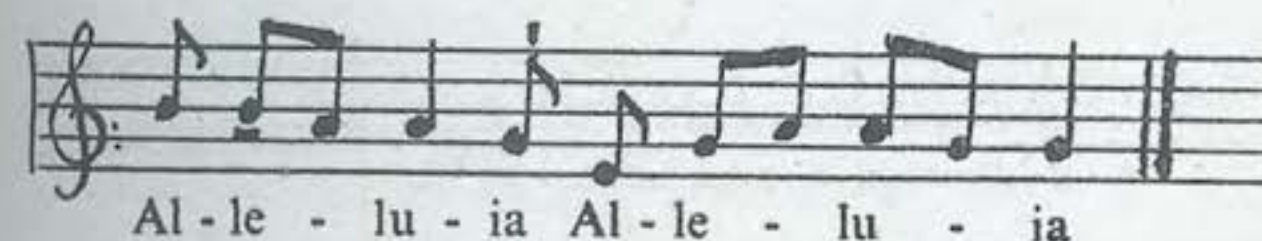
Cantores:



Todos:

Allelúia, Allelúia, como acima.

Cantores:



Repetem todos o mesmo.

Cantores:



Todos:

Allelúia, Allelúia, como acima.

Cantores:



Todos:

Surrexit Dominus veré, Allelúia, Allelúia, **como**
acima.

Cantores:**Todos:**

Eis a tradução destes motetos:

Celebrante
ou dois cantores:

«Surrexit Dóminus de
sepúlcro
Alleluia, Alleluia»

Todos:

«Surrexit Dóminus de
sepúlcro
Alleluia, Alleluia»

Celebrante
ou dois cantores:

«O Senhor ressuscitou
do sepúlcro
Aleluia, Aleluia»

Todos:

«O Senhor ressuscitou
do sepúlcro
Aleluia, Aleluia»

Celebrante ou cantores:

«Qui pro nobis pependit
in Ligno»

Todos:

«Alleluia, Alleluia»

Celebrante ou cantores:

«Surrexit Dóminus vere
Alleluia, Alleluia»

Todos:

«Surrexit Dóminus vere
Alleluia, Alleluia»

Celebrante ou cantores:

«Et apparuit Simóni»

Todos:

«Alleluia, Alleluia»

Celebrante ou cantores:

«Gloria Patri et Fílio
et Spiritui Sancto»

Celebrante ou cantores

«Que por nós esteve
suspense na Cruz»

Todos:

Aleluia, Aleluia»

Celebrante ou cantores:

«Ressuscitou o Senhor
Verdadeiramente
Aleluia, Aleluia»

Todos:

«Ressuscitou o Senhor
verdadeiramente

Aleluia, Aleluia»

Celebrante ou cantores:

«E apareceu a Simão»

Todos:

«Aleluia, Aleluia»

Celebrante ou cantores:

«Glória ao Pai, ao Fi-
lho e ao Espírito Santo»

Todos:

«Surrexit Dominus vere

«Alleluia, Alleluia»

Celebrante ou cantores:

V. «Gavísi sunt Discípuli, Alleluia»

Todos:

R. «Viso Dómino, Alleluia»

Cantado isto o Celebrante sobe ao Altar pega na Custódia e voltando-se para o povo canta:

«Te Deum laudamus»

E o coro continua:

«Te Dóminum confitemur»

E o Celebrante coloca-se debaixo do Pálio com o Santíssimo e a Procissão põe-se em marcha. Adiante do Pálio vão dois turíbulos incensando o SS. Sacramento e todos cantam o hino começado pelo Celebrante, que a seguir damos:

Todos:

«Ressuscitou o Senhor verdadeiramente

«Aleluia, Aleluia»

Celebrante ou cantores:

V. «Alegraram-se os Discípulos, Aleluia»

Todos:

R. «Tendo visto o Senhor, Aleluia»

«Te aeternum Patrem omnis terra veneratur.

Tibi omnes Angeli, tibi caeli et universae potestates;

Tibi Chérubim et Séraphim incessabili voce proclamant:

Sanctus, Sanctus, Sanctus;

Dóminus Deus Sábaoth.

Pleni sunt caeli et terra maiestatis glóriae tuae.

Te gloriósus Apostolorum chórus;

Te Prophetarum laudabilis numerus;

Te Mátyrum candidatus laudat exercitus.

Te per orbem terrarum sancta confitetur Ecclésia.

Patrem immensae maiestatis.

Venerándum tuum verum et únicum Fílium.

Sanctum quoque Paráclitum Spíritum.

Tu Rex glóriae Christe.

«A Vós, Eterno Pai, toda a terra venera.

A Vós todos os Anjos, a Vós, os céus e todas as potestades;

A Vós os Querubins e Serafins não cessam jamais de clamar:

Santo, Santo, Santo,

é o Senhor Deus dos exercitos.

Os céus e a terra estão cheios da majestade da Vossa glória.

A Vós o coro glorioso dos Apóstolos;

A Vós, dos Profetas a respeitável assembleia;

A Vós, o brilhante exercito dos Mártires engrandece com louvores.

A Vós, espalhada por toda a terra, confessa a Santa Igreja.

Pai de imensa majestade.

Também confessa o vosso único e verdadeiro Filho, digno objecto das nossas adorações.

Do mesmo modo ao Espírito Santo.

Vós sois o Rei da Glória ó Cristo.

Tu Patris sempiternus
es Filius.

Tu ad liverandum sus-
cepturus hominem non
horruisti Virginis úterum.

Tu devicto mortis
acúleo aperuisti credenti-
bus regna caelorum.

Tu ad dexteram Dei
sedes in glória Patris.

Judex créderis esse
ventúras.

Te ergo, quæsumus,
tuis fámulis súbveni, quos
pretioso sángine
redimísti.

Aetérna fac cum Sanctis
tuis: in glória numerári.

Salvum fac pópulum
tuum, Dómine, et benedíc,
haeredítati tuae.

Et rege eos et extólle
illos usque in aetérnum.

Per singulos dies
benedícimus Te.

Et laudámus nomen
tuum in saéculum saéculi.

Vós, do Pai Sempre
Eterno sois o Filho único.

Vós, querendo unir-vos
ao homem para o resgatar,
não vos dedignaste de en-
trar no casto seio de uma
Virgem.

Vós, destruindo o estí-
mulo da morte, abriste
aos crentes o reino dos
Céus.

Vós estais sentado à
direita de Deus na glória
do Vosso Pai.

Nós cremos firmemente
que Vós nos vireis julgar.

A Vós, portanto, roga-
mos que socorrais os Vos-
sos servos, que redimiste
com o Vosso precioso
Sangue.

Fazei que na eterna gló-
ria sejamos contados entre
os Vossos Santos.

Salvai, Senhor, o Vosso
povo e abençoai a Vossa
herança.

Conduzi-nos e elevai-
nos por toda a eternidade.

Todos os dias
Vos bendizemos.

E louvamos o Vosso
Santo Nome para sempre
e em todos os séculos.

Dígnare, Dómine, die
isto sine peccáto nos
custodíre.

Miserére nostri,
Domine, miserére nostri.

Fíat misericórdia tua,
Dómine, super nos, que-
mádmódum sperávimus in
Te.

In Te Dómine sperávi,
non confúndar in aeter-
num.

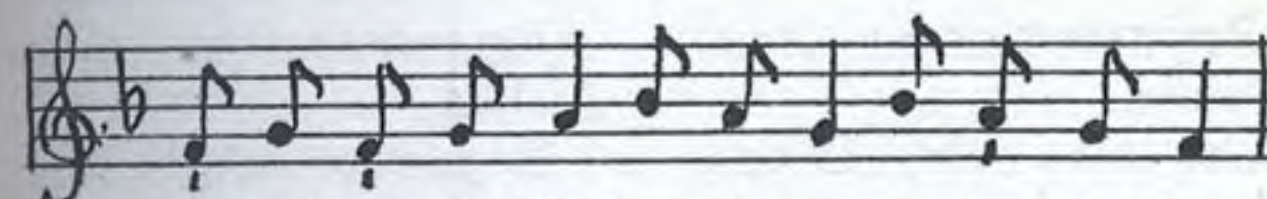
Dignai-Vos, Senhor,
neste dia guardar-nos de
pecar.

Tende compaixão de
nós, Senhor, tende com-
paixão de nós.

Derramai, Senhor sobre
nós a Vossa misericórdia,
conforme esperamos em
Vós.

Em Vós, Senhor, espe-
rei não me confundais
eternamente.

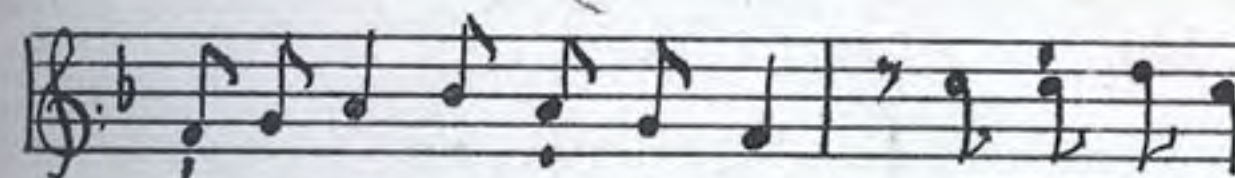
**Chegada a Procissão à igreja canta-se a seguinte
antífona:**



Re - gi - na Cæ - li* Lac - tá - re Al - le - lú - ia



Quia quem me - ru - ís - ti -



- por - tá - re, Al - le - lú - ia; Re - surre - xit,



Eis a tradução:

«Regina caeli, laetare, Alleluia. Quia quem meruisti portare, Alleluia.

Resurrexit sicut dixit, Alleluia.

Ora pro nobis Deum, Alleluia.»

«Rainha do céu, alegrai-Vos, Aleluia. Porque O que mereceste trazer em Vosso seio, Aleluia.

Ressuscitou como disse, Aleluia.

Rogai por nós a Deus, Aleluia.»

Conforme quer o *Ceremonial Eclesiástico*, segundo o Rito Romano, de Fr. Mathias de Santa Anna (62), esta Antífona de Nossa Senhora não se deve omitir se a Procissão passar diante de algum altar da Santíssima Virgem e principalmente se a igreja lhe é dedicada. Deve ser cantada de forma que não termine antes que o Celebrante coloque o Santíssimo sobre o Altar.

(62) Fr. Mathias de St. Ana — *Ceremonial Ecclesiastico*, 1743.

Canta-se então o *Tantum Ergo* e o Celebrante incensa, *more solito* e a seguir canta os versículos (63):

V. Panem de caelo praestitisti eis, Alleluia!

R. Omne delectamentum in sé habentem, Alleluia!

V. In resurrectione tua Christe, Alleluia

R. Caeli et terra laetentur, Alleluia!

V. Gaude et laetare Virgo Maria, Alleluia!

R. Quia surrexit Dominus vere, Alleluia!

Oremus

Deus qui nobis sub Sacramento mirabili Passionis tuae memoriam reliquisti; tribue, quaesumus, ita nos Corporis et Sanguinis tui Sacra Mystéria venerari, ut Redemptionis tuae fructum in nobis júgiter sentiamus.

V. Deste-lhes o Pão do céu, Aleluia!

R. Que em si contém todo o prazer, Aleluia!

V. Na Tua ressurreição, Senhor Jesus Cristo, Aleluia!

R. O céu e a terra se alegraram, Aleluia!

V. Alegrai-Vos e exultai, ó Virgem Maria, Aleluia!

R. Porque o Senhor ressuscitou verdadeiramente, Aleluia!

Oremos

Ó Deus, que neste admirável Sacramento nos deixaste o memorial da Vossa Paixão, concedei-nos, como vos pedimos, a graça de reverenciarmos os mystérios sagrados do Vosso Corpo e do Vosso Sangue, de modo que sintamos constantemente em nós os frutos de nossa Redenção.

(63) *Processione ac Rituali Romanum*, Juxta Formam Ritualis Pauli V et Benedicti XIV, Olisipone M.DCCCIII.

Deus qui hodiérna die per Unigénitum tuum, aeternitátis nobis áditum devícta morte reserásti: vota nostra, quae praeveniéndó aspíras, etiam adjuvándó proséquere.

Deus, qui per resurrectionem Fílii tui, Dómini nostri Jesu Christi, mundum laetificáre dignátus es: praesta, quásumus, ut, per ejus Genitrícem Virginem Mariám, perpétuae capiámus gáudia vitae. Per eúndem Christum Dóminum nostrum.

R. Amen.

O Celebrante sobe ao Altar toma a Custódia e dá a bênção com o Santíssimo Sacramento como é costume. Encerrado o sacrário celebra-se a Missa o mais solene possível. Na altura própria haverá o sermão ou a homilia.

Deus, que neste dia, pela vitória que Vosso Filho único alcançou sobre a morte, nos abriste o céu; apressai, com a Vossa graça, a realização dos votos que nos inspirais.

Deus, que, pela ressurreição de Jesus Cristo, Vosso Filho, vos dignastes dar alegria ao mundo, concedei-nos a graça de chegarmos às alegrias da vida eterna pela intercessão de Sua santa Mãe, a Virgem Maria. Pelo mesmo Jesus Cristo Senhor Nosso.

R. Assim seja.

COFRES DA ANTIGA PROCISSÃO DO ENTERRO DO SENHOR PARA A CONDUÇÃO DA SAGRADA EUCARISTIA

Dissemos quando tratámos da Procissão do Enterro, que uma das provas de que essa procissão a princípio foi feita com o SS. Sacramento era a existência, em quase todas as freguesias, de uns pequenos cofres, mais ou menos preciosos, encimados por uma cruz.

Ultimamente perdeu-se o conhecimento exacto da utilidade e função desses objectos. Para alguns tratava-se de relicários; para outros caixas de hóstias; e ainda, segundo outras opiniões, urna que servia para a exposição solene em Quinta-feira Santa.

Quando criança, lembra-nos ter visto um destes cofres guardado dentro do sacrário a servir, segundo nos disseram, de depósito da Sagrada Hóstia para a exposição solene na Custódia.

Ao estudarmos as cerimónias do Enterro do Senhor verificámos, como já dissemos, que alguns Cerimoniários perceituavam estas caixas, mais ou menos ricas, para a condução da Hóstia consagrada que era conduzida na Procissão do Enterro e ficava no sepulcro até ao Domingo da Ressurreição.

Desejando obter uma lista de alguns cofres preciosos que existem nos Museus, fomos ao Museu Nacional de Arte Antiga para ouvir o seu Excelentíssimo Director sobre o assunto. Sua Excelência mostrou-se surpreendido com esta nossa ideia e chamou-nos a

atenção para o cofre aí existente, vulgarmente conhecido por *Cofre de D. Sebastião* ou *Cofre do Convento de Tomar*.



Não nos admirou a surpresa do Ex.^{mo} Sr. Dr. João Couto, pois que todos os sacerdotes com quem falámos sobre o assunto também desconheciam a verdadeira utilidade desses objectos.

O Ex.^{mo} Sr. Dr. João Couto dignou-se oferecer-nos o seu trabalho sobre: «*Obras de Ourives Pro-*

venientes do Convento de Cristo de Tomar» e facultou-nos com grande amabilidade a observação e medição dos vários cofres existentes no Museu de Arte Antiga.

Ao darmos a indicação de alguns destes cofres começamos pelo de D. Sebastião pois ele é o que melhor nos atesta o fim para que foi feito.

Frei Hieronimo Roman, desconhecendo também a utilidade deste e outros cofres, no seu «*Libro de la ynclita cavallaria de Cristo en la Corona de Portugal*» (64), depois de se referir com o louvor que ele merece como obra de arte, diz: «*esta caxa dio el Rey don Sebastian para cofre del Sanctissimo sacramento pero no sirve dello por aver salido un poco grande.*».

Não, sr. Frei Hieronimo! Não serve porque se perdeu a cerimónia para que ele foi feito: Procissão do Enterro do Senhor com o SS. Sacramento.

Os *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo* assim o descreve: «*Um cofre de configuração rectangular para depósito da Sagrada Eucaristia, tendo de altura desde o cume da tampa que tem uma figura representando o Senhor ressuscitado, até à base do mesmo cofre 11,1/2 polegadas e de comprimento 13 polegadas; é de prata dourada e lavrado todo ele em figuras de meio relevo de emblemas alusivos à Paixão e Morte de Jesus Cristo, com quatro figuras de relevo inteiro, dos quatro evangelistas e 12 colunas molduradas em gomos e lavrados em suas bases e nos seus capiteis distribuidos pelas suas 4 faces, fingindo pórticos com molduras na base, tendo uma junto à boca do mesmo cofre, os quais teem letreiros abertos a buril, e alusivos à Sagrada Eucaristia e a moldura de cima*

(64) In *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem De Cristo*, vol. 1.º, pág. 114.

em remates de genios segurando as armas Reaes Portuguezas, e outros remates que estão quebrados.».

O Sr. Dr. João Couto acrescenta no seu trabalho (65): «Os assuntos representados nas várias faces da arca e da tampa dispõem-se esquematicamente da forma seguinte: Na tampa: remate, Imagem do Redentor; baixos relevos: Crucifixão; Calvário; Cristo deposto da Cruz; Enterro de Cristo. Na caixa: lados: A prisão de Cristo; beijo de Judas; Pedro cortando a orelha a Maleo. Estas cenas são ladeadas pelos Evangelistas Marcos e Lucas. Na frente: A Ceia, ladeada pelos Evangelistas Mateus e João. Topos: Cristo no Horto e Cena da Verónica.

Esta peça é bastante falante. Na peanha do Senhor Ressuscitado, lê-se de um e de outro lado: **Resurrexit sicut dixit Alleluia Alleluia**. No friso do entabulamento mostra-se o Sanctus, que o sacerdote recita depois de terminado o Prefácio: **Sanctus Sanctus Sanctus Dominus Deus Sabaoth pleni sunt coeli et terra majestatis gloriae tuae**.

No friso da base lê-se o cântico do Panis Angelicus: **Dat panis coelicus figuris terminum panis Angelicus fit panis hominum**.

O interior do cofre não desmerece, em matéria de técnica, de quanto se vê no exterior.» Nem em simbolismo, acrescentamos nós. «Um lindo trabalho de buril enriquece a base da tampa, formando o docel que convém às partículas eucarísticas guardadas dentro da urna. No centro, em relêvo, destaca-se o sol. Das nuvens que o rodeiam saem cabeças aladas de querubins. Pequenos anjos gorduchos deixam cair ramos de flores e,

(65) Dr. João Couto — *Obras de Ourives Provenientes do Convento de Tomar*, págs. 8 a 11.

nos cantos, quatro anjos maiores, de longa cabeleira solta, tocam respectivamente harpa, viola, pandeiro e pifaro (?).

No friso correm agora as formosas palavras da bênção do Santissimo: **Tantum ergo Sacramentum veneremur cernui et antiquum documentum novo cedat ritui**. (Tão grande Sacramento humildemente adoramos; e da antiga lei as figuras cedam ao novo mistério.)

«O fundo tem, no centro e dentro de uma oval inscrita num rectângulo, a passagem seguinte: **Vere Dominus est loco isto**. (Verdadeiramente o Senhor está neste lugar.)

Como atrás dissemos tudo isto foi por nós verificado e confrontado, mercê da amabilidade do Excelentíssimo Director do Museu de Arte Antiga.

O facto de ser esta preciosa caixa oferecida por D. Sebastião à Ordem de Cristo também nos diz muito, pois que esta Ordem sempre teve um lugar especial na Procissão do Enterro do Senhor. Lembramos que os nossos Reis quando tomavam parte nesta Procissão levavam o Manto da Ordem de Cristo (66).

Outro cofre de idêntica utilidade se encontra no mesmo Museu de Arte Antiga e era do Mosteiro dos Jerónimos. É em bronze e prata, conforme o descreve Joaquim de Vasconcelos na: «*Arte Religiosa em Portugal*» (67). «Os lados maiores estão divididos em três compartimentos e os menores dois, a que foram aplicados outros tantos quadros (dez) de prata em baixo-relevo, representando cenas da Paixão de Cristo.»

Observando os quadros a começar pelo lado direito

(66) João Campello de Macedo — *Thesouro de Ceremónias*.

(67) Joaquim de Vasconcelos — *Arte Religiosa em Portugal*, 1914.

da peça, temos: 1, Ceia, 2, Jesus no Horto; 3, Prisão do Senhor; 4 e 5, duas cenas do julgamento de Cristo; 6, Flagelação; 7, Coroação de espinhos; 8, Ecce Homo; 9, A caminho do Calvário; 10, O Senhor pregado na Cruz.



Propriamente a arca é toda em bronze dourado e assenta sobre quatro leões, colocados em diagonal sob os quatro ângulos da arca. São dignos de nota os seis soldados da parte superior da tampa pois que três dormem estendidos sobre o solo mas os outros três

parecem acordar amedrontados, olhando para a cruz que encima a peça e é ladeada por dois anjos em adoração. Isto fez supor que no lugar da cruz estaria, primitivamente, Cristo Ressuscitado. Como muito bem nota Joaquim de Vasconcelos: «a cruz pôde estar ali como um symbolo do acto já consumado da ressurreição.»

Por dentro o cofre é dourado com um cuidadoso trabalho de buril formando vários desenhos geométricos.

As suas dimensões são: por dentro, comprimento: 25,5 cm; largura: 15,5 cm; altura: 14 cm. Exteriormente: altura com a tampa: 42 cm; comprimento: 35 cm; largura: 42 cm.

Está marcada a sua época de 1550 a 1570.



Também é digno de registo o cofre que está no Museu de Arte Sacra da igreja de S. Roque (Misericórdia de Lisboa).

No *Guia de Portugal Artístico* está ele citado como «Caixa para Hóstias» — «Embora com o contraste de Roma este cofre, singularmente belo não é assinado. A sua estrutura, por excessivamente simétrica, é um tanto discordante das restantes peças da colecção. No que se iguala é na riqueza do lavor e na alada graça dos anjos que a decoram.»

Servindo actualmente de urna para a exposição solene de Quinta-feira Santa, o que faz com que seja conhecido vulgarmente por «*Santo Sepulcro*» ele foi construído, não para caixa de hóstias, mas sim para a Procissão do Enterro do Senhor.

As suas primitivas dimensões interiores revelam-nos isto mesmo: 15 cm de largura é mesmo a medida pouco mais ou menos do corporal dobrado onde se encerra a Sagrada Hóstia. Os seus 52 cm de comprimento é para lhe dar a configuração rectangular exterior como era hábito em tais casos.

Extinta a Procissão do Enterro com o SS. Sacramento ficou este cofre como aliás todos os outros sem função própria. Dada a sua beleza e riqueza de ornatos procurou-se adaptá-lo para poder encerrar o cális da exposição em Quinta-feira Santa. Como a sua altura de 15 cm não chegava, cortou-se então o fundo, no meio fazendo-o descer mais 10 cm que com a elevação da tampa ficou com 39 cm de altura bastante para colocar aí o cális. E desta forma essa urna belíssima e preciosa ficou servindo sempre para o fim a que fora destinada: a guardar o SS. Sacramento.

Chegámos a esta conclusão depois de ter cuidadosamente examinado e medido o referido cofre. Para as entidades que com tanta amabilidade nos facultaram o exame minucioso desta obra de arte os nossos agradecimentos.

No 1.º volume da *Arte Religiosa em Portugal* descreve-nos também Joaquim de Vasconcelos outro cofre do Museu de Arte Antiga.



Começa logo por dizer: «Servia nas cerimónias da Semana Santa. Na caixa e na tampa são visíveis os emblemas da Eucaristia: o medalhão grande com o feixe de espigas significa o pão sagrado; e os medalhões

lateraes com os cachos de uvas, o vinho da comunhão; na tampa dispôz o artista o escudo das cinco chagas; e nos compartimentos lateraes os instrumentos da Paixão.»

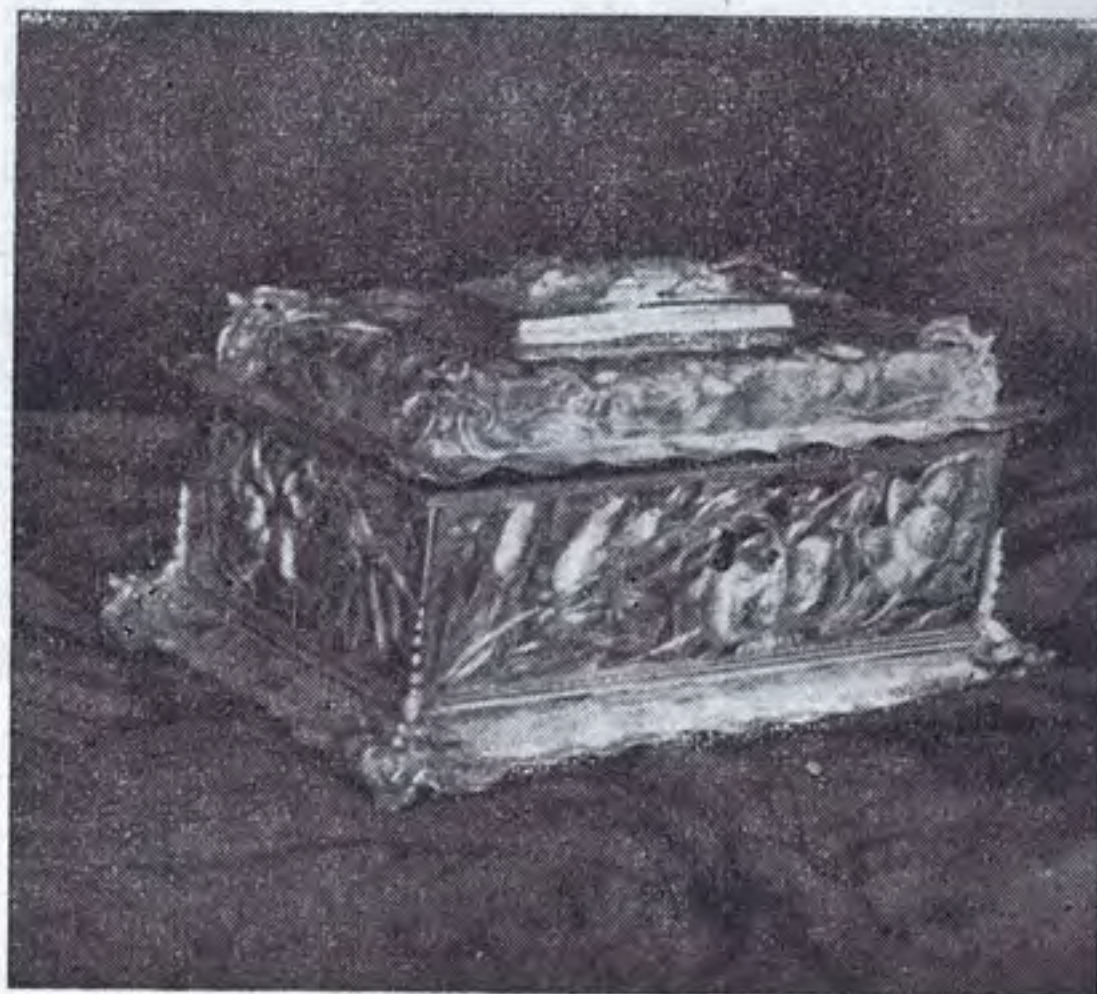
Dimensões: altura: 63 cm; comprimento: 52 cm; largura: 39 cm. Época: 1670-1680.

O Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo Primaz de Braga D. António Bento Martins Júnior teve a bondade de nos informar da existência de vários cofres com a mesma utilidade, na Província de Trás-os-Montes.

No Algarve vários são os que nos atestam também a mesma Procissão.

Em prata existem na Sé de Faro, em Martinlongo e em Tavira. Em madrepérola com fechos de prata, em Loulé, Portimão, Odelete, etc., etc..

Eis o de Tavira.



AGRADECIMENTO

Não posso deixar de prestar a minha reconhecida homenagem às pessoas que comigo colaboraram nesta obra.

Como já foi dito, eu enviei um pequeno inquérito a todas as Dioceses.

Quiseram ter a bondade de me prestar os seus esclarecimentos pelo que fico muito grato; aos Reverendíssimos Senhores:

Rev.^o Mons. Cónego Dr. Honorato Carlos Nunes Monteiro, *Lisboa*;

Rev.^o Cónego José de Oliverira Rosa, *Leiria*;

Rev.^o Cónego Dr. João Marques Rosa, *Portalegre e Castelo Branco*;

Rev. Padre Manuel de Oliveira Veloso, *Braga*;

Rev.^o Mons. Manuel Miller Simões, *Aveiro*;

Rev.^o Padre David Adélio de Oliveira e Silva, *Porto*;

Rev.^o Padre Augusto Carlos Fidalgo, *Torrão, Marco de Canavezes*;

Rev.^o Mons. Angelo Minhava, *Vila Real*;

Rev.^o Padre José Pires Patacas, *Evora*.

E de forma especial, seja-me permitido abranger neste meu sincero agradecimento todo o Clero do Algarve. Este, por ser o pessoal da casa... tinha que ter um lugar especial. E teve. Foi ouvido muitas vezes, forneceu várias informações e alentou-me com os seus incitamentos. Para todo o Clero Algarvio um *Muito Obrigado* mui sentido.

Cooperadores muito importantes foram também os Ex.^{mos} Provedores das Misericórdias a quem escrevi. Alguns quiseram ter a bondade de enviar com as suas respostas, exemplares dos Estatutos ou Compromissos das Irmandades e até mesmo interessantes Monografias.

Eis a lista e a indicação dos que foram ouvidos e mandaram as suas respostas:

Em nome e por encargo do Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Viana do Castelo*, respondeu o Rev.^o Padre Capelão com uma exposição sobre o assunto;

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Braga*, teve a amabilidade de mandar copiar os Estatutos de 1628 e fazer-nos oferta de algumas fotografias;

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Santo Tirso*, mandou-nos a sua informação;

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Barcelos*, por intermédio do seu Digníssimo Chefe de Secretaria enviou a sua informação com a oferta de um exemplar dos Estatutos de 1953;

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Vila Flor* deu-nos um pequeno resumo histórico e a sua informação;

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Póvoa de Varzim* encarregou o seu Rev.^o Capelão Padre Aurélio Martins de Faria de nos enviar com a sua extensa descrição um exemplar do «Compromisso» de 1940;

Por despacho do Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia do *Porto*, foi-nos enviado um interessante esclarecimento do Dig.^{mo} Secretário da Provedoria da mesma Santa Casa, dr. José Manuel Pereira de Oliveira;

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Mise-

ricórdia de *S. João da Madeira* também nos deu a sua informação;

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Tarouca* com um circunstanciado relatório enviou-nos um exemplar do «Compromisso» de 1923;

O Ex.^{mo} Senhor Chefe da Secretaria da Santa Casa da Misericórdia de *Aveiro* enviou-nos esclarecimentos sobre o que havia antigamente aí.

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Manteigas* mandou-nos uma cuidada resposta ao nosso questionário.

Do Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia da *Covilhã* recebemos uma notícia das Procições que a Misericórdia aí organiza.

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Ferreira do Zêzere* informa-nos não haver aí Irmandade.

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia do *Pombal* com a oferta dos Estatutos de 1916, enviou-nos um interessante estudo sobre essa Misericórdia: *Esboço Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Pombal* da autoria de dr. Amadeu C. Mora, 1953;

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Torres Novas* com um ofício que bem revela a alma de fogo do seu Ex.^{mo} Provedor fez-nos a oferta de dois «Compromissos» dessa Instituição, um de 1866 e o outro de 1915;

Do Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Santarém* com algumas notícias interessantes vei-nos um «Compromisso» de 1870;

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Misericórdia das *Caldas da Rainha* enviou os seus Estatutos;

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Elvas* com resposta circunstanciada fez-nos

oferta de uma bela Monografia da *Santa Casa da Misericórdia de Elvas*, de 1954 por Eurico Gama;

O Ex.^{mo} Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de *Setúbal* com algumas indicações interessantes enviou-nos os Estatutos de 1953;

Embora sem Irmandade devidamente constituída o Ex.^{mo} Senhor Presidente da Comissão Administrativa da Misericórdia de *Beja* não quis deixar de dar a sua informação.

Igual atenção devemos ao Ex.^{mo} Senhor Provedor de *Viseu*.

A todos que por esta forma nos ajudaram apresentamos os nossos mais vivos agradecimentos.

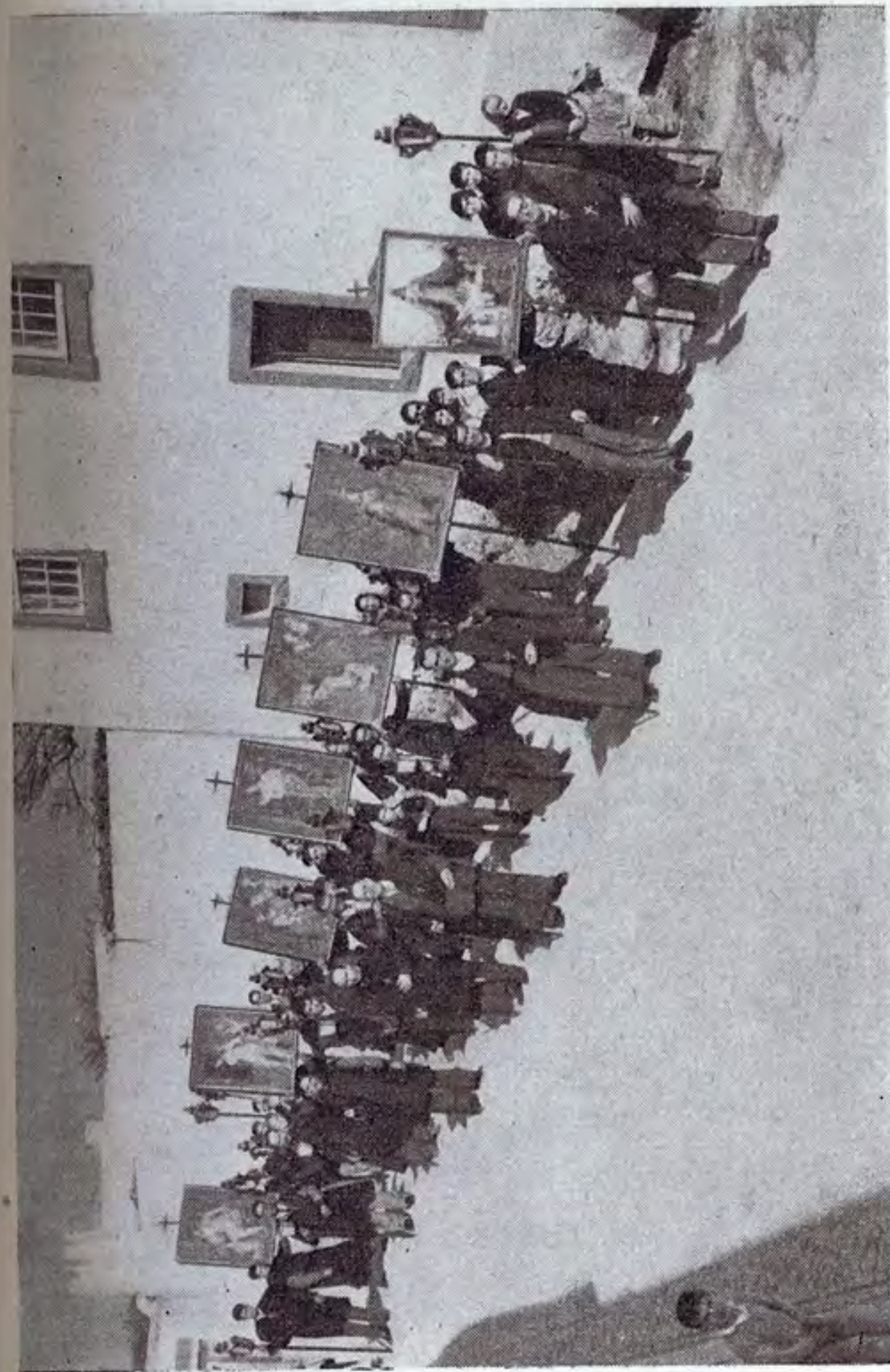
Finalmente seja-nos permitido louvar e agradecer ao povo de *Albufeira* pela forma como, acedendo ao pedido do seu Pároco, cooperou com ele na consecução das fotografias que a seguir inserimos.



Est. 1 — Braga. Os fogareus são levados por devotos com estas vestes a que chamam FARRICOCOS. — Vide, pág. 18



Est. 2 — Braga. Procissão de Quinta-feira Santa à noite. «Foga-
reus e todo o aparelho que for necessário», etc., — Vide, pág. 18



Est. 3 — Albufeira. A Misericórdia como vai na Procissão de Quinta-feira Santa à noite, em todo
o Algarve. — Vide, pág. 26



Est. 4 — Braga. As matracas ou «RUGE, RUGE», conforme o nome por que aí são conhecidas, saindo da Igreja da Misericórdia. — Vide, pág. 28



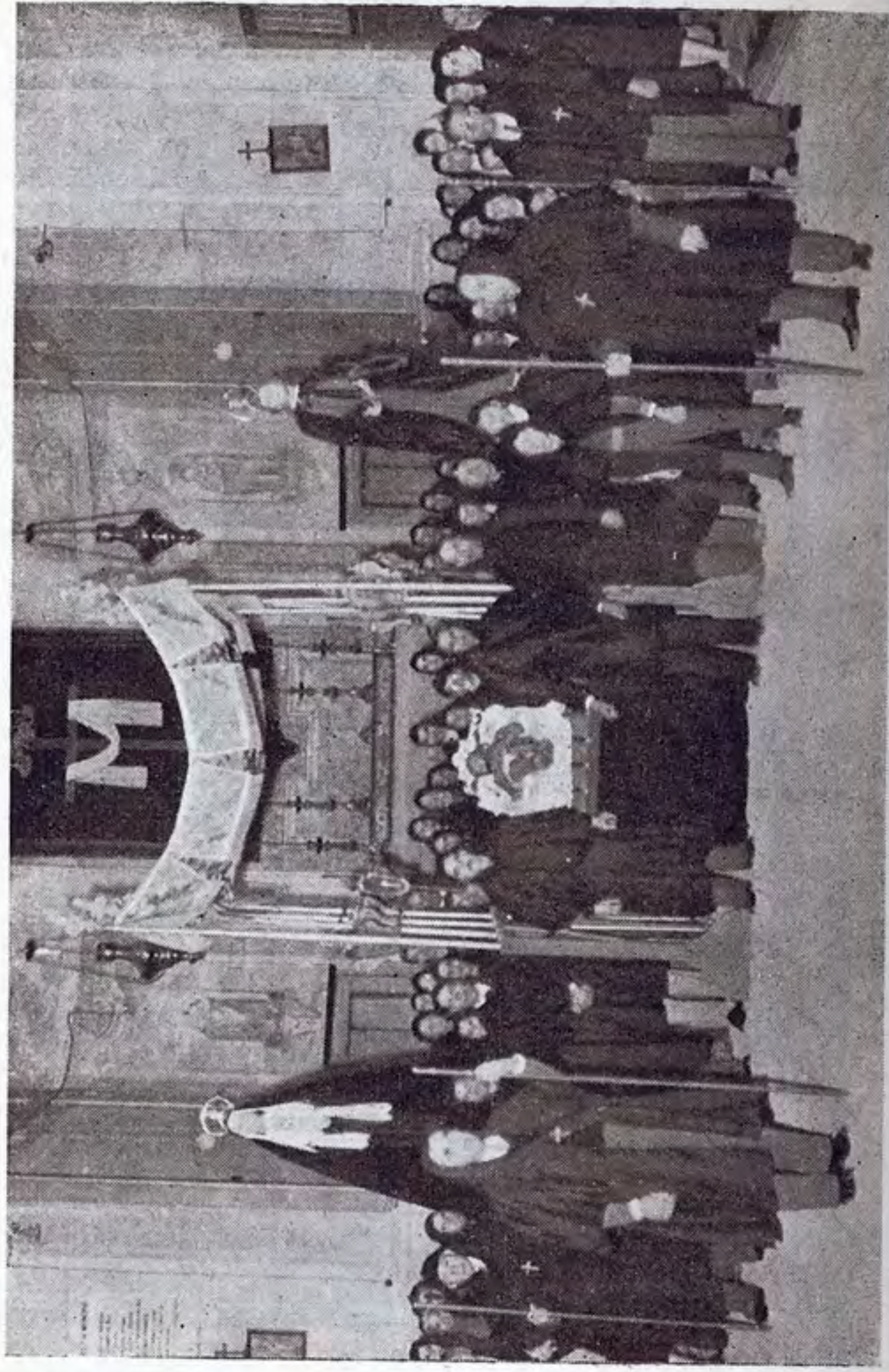
Est. 5 — Albufeira. A Imagem do Crucificado dominando toda a Igreja. — Vide, pág. 47



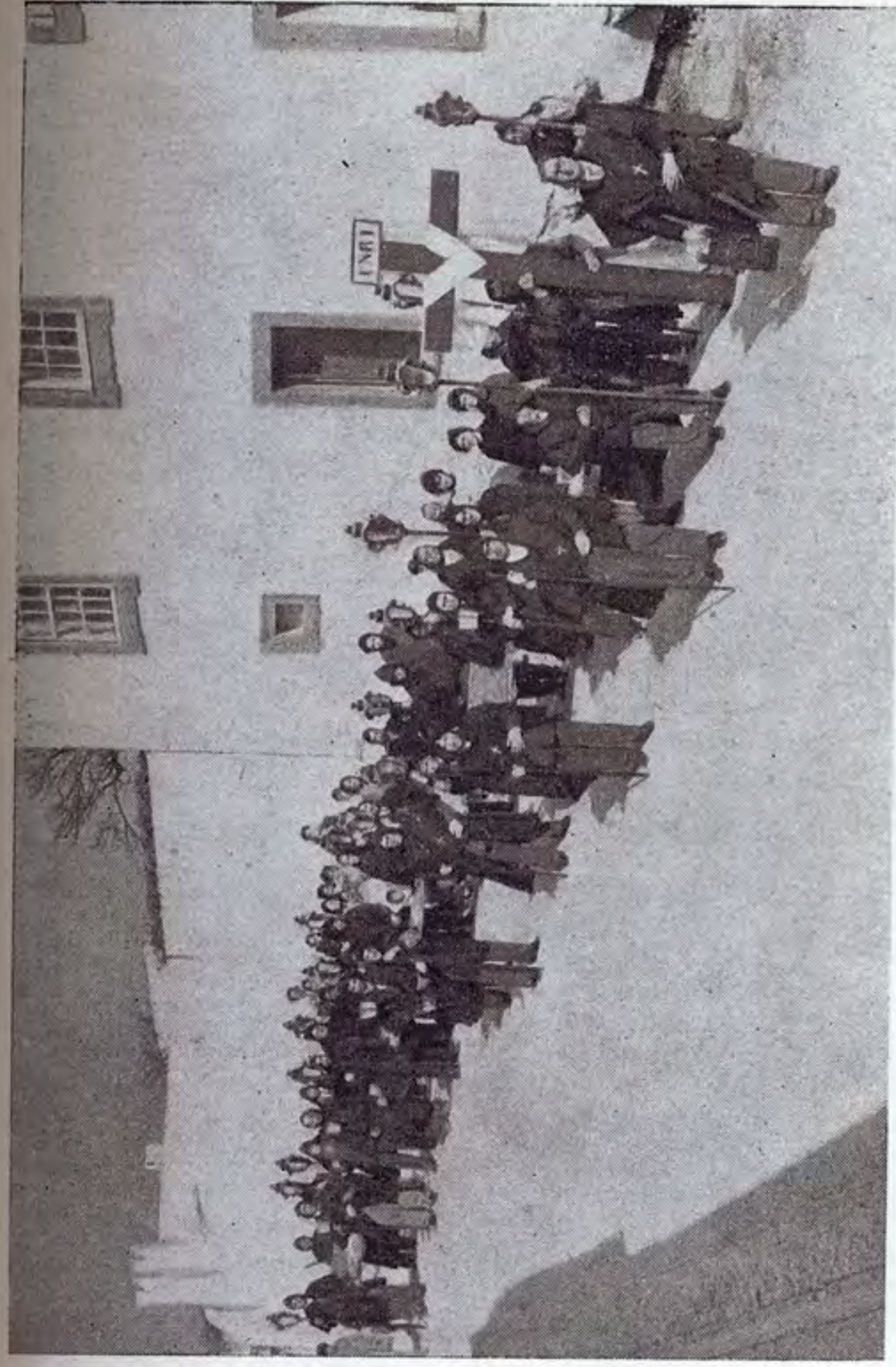
Est. 6 — A cruz com a toalha pendente e já sem o Crucificado lembra o Calvário durante o enterro do Senhor.
— Vide, págs. 56 e 64



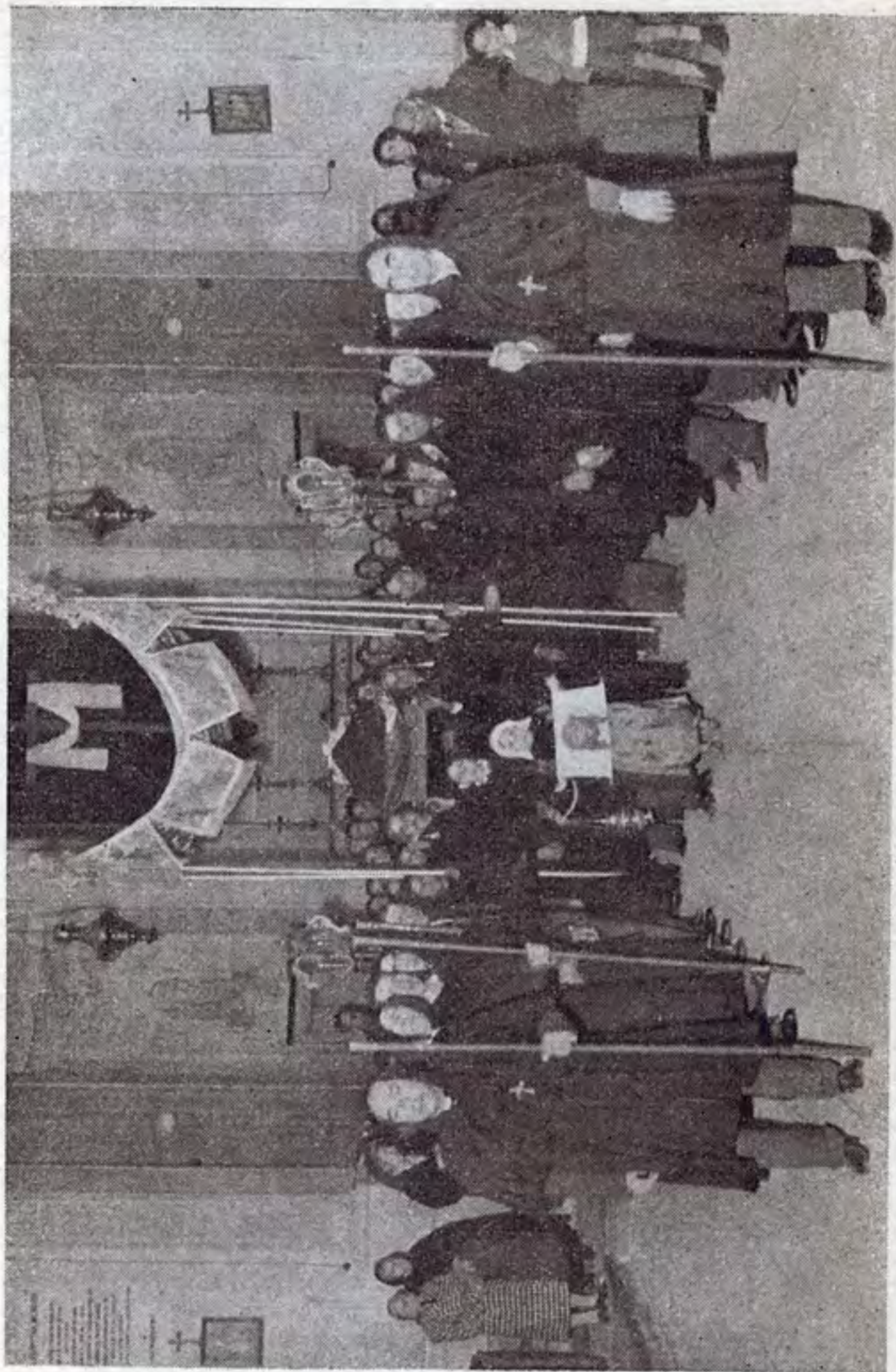
Est. 7 — A Imagem de Cristo Morto sobre o lençol.
— Vide, pág. 56



Est. 8 — Albufeira. Conforme a tradição, o Senhor Morto é exposto à veneração dos fiéis, em Sexta-feira Santa à noite, antes da Procissão do Enterro. — Vide, pág. 57



Est. 9 — Albufeira. A Misericórdia saindo da sua Igreja para a Procissão do Enterro do Senhor. — Vide, pág. 59



Est. 10 — Albufeira. O Senhor Morto é conduzido debaixo do pálio na Procissão do Enterro.
— Vide, pág. 65



Est. 11 — Albufeira. Cerimónia da tumulação da Imagem do Senhor Morto. — Vide, pág. 74



Est. 12 — Colocado o Senhor no sepulcro ficam, inclinados, «durante algum tempo meditando na morte e enterro do Nosso Redentor». — Vide, pág. 76

BIBLIOGRAFIA

Obras consultadas para este livro:

- D. António Coelho — *Curso de Liturgia Romana*.
 Fr. Francisco de Jesus Sarmento — *Directorio Sacro*, 1772.
 Muratori — *Liturgia romana vetus*. Veneza, 1743.
 António Tomás dos Reis — *Método da Liturgia Bracarense*, 1837.
 Mons. J. Augusto Ferreira — *Estudos histórico-litúrgicos*.
 Fr. Domingos do Rosário — *Theatro ecclesiástico*, 1743.
 Dr. António de Vasconcelos — *Compêndio de Liturgia Romana*.
 Fr. Veríssimo dos Mártires — *Director Ecclesiastico*, 1755.
 Fr. António de S. Luís — *Mestre de Cerimonias*, 1780.
 P.^e Amaro dos Anjos — *Directorio Ceremonial*, 1717. Idem, 1734.
 Fr. Matias de St. Ana — *Cerimonial Ecclesiastico*, 1743;
 Liturgia
 Bracarense, 1936; *Oficio de Semana Santa*, conforme o Mis-
 sal Romano, 1758.
 P.^e Augusto Alves Durão — *Cerimonial da Semana Santa*, 1942.
 Manuel Abúndio da Silva — *O Rito Bracarense*, 1907;
 Rituale
 Processionarium monasticum, 1727.
 Soares da Graça — *Memórias de Agueda*, 1948; *Missale Braca-*
 rense, Olissipone, 1498. Biblioteca da Ajuda.
 P.^e Francisco de Santa Maria — *Ano Histórico e Diario Por-*
 tuguez, 1744.
 Joam Campello de Macedo — *Thesouro de Cerimónias*, 1657;
 idem — *idem*, 1668.
 D. Edmundo Martene — *De Antiquis Monachorum Ritibus*,
 Lugduni, 1690;
 Sacrarum Cerimoniarum, Sive Rituum
 Ecclesiasticorum Sanctae Romanae Ecclesiae. Coloniae
 Agrippinae — M.D.L.XX 11. (1572).
 P.^e Joanes Michael Cavalieri — *Commentaria in authentica Sacrae*
 Rittum Congregationis, 1758.
 Caetano Maria Merati — *Brevis Instructio circa sacras Caeremo-*
 nias Hebdomadae Majoris, 1741.

- De Herat — *Sacrae Liturgiae Praxis*.
 Fr. Manuel da Conceição — *Manuale Seraficum, et Romanum*, 1752.
 P.^e José Maria de Azevedo Moura — *Ofício da Semana Santa*, Porto, 1790.
 P.^e Manuel Pinto, S. J. — *A Reforma da Semana Santa*, Lisboa, 1956.
 Dr. Amadeu C. Mora — *Esboço Histórico da Santa Casa Da Misericórdia de Pombal*;
Processionale ac Rituale Romanum,
 Juxta Formam Ritualis Pauli V, et Benedicti XIV, 1803;
Processionale Juxta formam Ritualis Romani, Pauli V, 1777.
 Duchesne — *Les Origines du Culte Chrétien*.
 Le Mascrier — *Hist. General des cérémonies*.
 Costa Goodolfin — *Misericordias*.
Compromisso da Santa Casa
da Misericórdia de Lisboa, 1619, B. N. L.;
Compromisso
da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1520. Museu
 Arte Sacra, Lisboa.
 Eurico Gama — *Santa Casa da Misericórdia de Elvas*, 1954;
Compromisso da Santa Casa da Misericórdia de Braga, 1628;
Compromisso da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, 1953;
Compromisso da Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de
Varzim, 1940; *Compromisso da Santa Casa da Misericórdia*
de Tarouca, 1923; *Compromisso da Santa Casa da Misericórdia*
de Pombal, 1916; *Compromisso da Santa Casa da*
Misericórdia de Torres Novas, 1866 e de 1915; *Compromisso*
da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, 1870; *Com-*
promisso da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, 1953;
Compromisso da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira,
 1901; *Solenidades da Misericórdia, a que a Mesa Assiste*,
 quadro impresso existente no Museu de Arte Sacra de
 Lisboa e cuja fotocópia possuímos.
 Dr. João Couto — *Obras de Ourives Provenientes do Convento*
de Cristo de Tomar, 1945; *Roteiro da Ourivesaria do Museu*
Nacional de Arte Antiga, 1959.
 Joaquim de Vasconcelos — *Arte Religiosa em Portugal*, Porto,
 1914; *Guia de Portugal Artístico*.
 Fr. Manoel da Conceição, Filho da Santa Província dos Algar-
 ves — *Ceremonial Seráfico e Romano*. Para toda a Ordem
 Franciscana, e em especial para a observância da Província
 dos Algarves. Lisboa Ocidental, M.DCCXXX.

- P.^e A. Ferreira de Sousa — *Guia Cerimonial da Semana Santa*
Restaurada;
Guia Litúrgico da Semana Santa, União Gráfica, 1956.
 Cónego Coelho Ferreira — *Semana Santa e Semana Pascal*, 1920.
 Michael Bauldry — *Manuale Sacrarum Caeremoniarum*,
 MDCCIII.
 Lucas de Andrade — *Theosebia ou culto, e adoração que se deve*
a Deus, Lisboa, MDCLXX; *Manual das Ceremonias do*
Officio Solemne da Semana Santa, 1653.
 Fr. Joam de S. Joseph do Prado — *Semana Santa Regulada*,
 M.DCCXXXIII.
 D. Andrea Piscara Castaldo — *Praxis Caeremoniarum*.
 Bartholomeu Cersetto — *Novissima Compendiosa Praxis Sacrorum*
Rituum Caeremoniarum, 1656.
 P.^e Claudii Arnaud — *Thesauri Sacrorum Rituum Epitome*. Venetiis,
 MDCCXI.
 Castaldo — *Praxis caeremoniarum*.
 Claudii La-Croix — *Sacrae Congregationis Concilli Resolutiones*
ab anno 1700, MDCCCLIII;
Missale Bracarense, 1558;
Missale Bracarense, 1512;
Missale Mixtum Dictum Mozarabes, MDCCCLV.

PARTITURA PARA BANDA

Lamentos para o
ENTERRO DO SENHOR

Melodia do autor do livro

P.º José Manuel Semedo Azevedo

Arranjo da partitura de

António Loureiro Nadais

Handwritten musical score for a band, featuring multiple staves with notes, rests, and dynamic markings. The score is divided into two systems, labeled I and II. A large 'D' is written vertically on the right side of the page, and the text 'ao principio' is written vertically next to it. The score includes various musical notations such as clefs, time signatures, and accidentals.

ÍNDICE

Introdução	5
Procissão de Endoenças	13
Procissão do Enterro do Senhor	39
Procissão Theofórica	49
Procissão com a Imagem do Senhor Morto	55
Procissão do Regresso de Nossa Senhora	78
Procissão da Ressurreição	89
Cofres da Antiga Procissão do Enterro	107
Agradecimento	117
Estampas	121
Bibliografia	133
Partitura para Banda	